TEXTOS CRUÉIS DEMAIS PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE

GLOBO Alt

TEXTOS CRUÉIS DEMAIS
PARA SEREM LIDOS RAPIDAMENTE

sumário

Pular sumário [»»]

este livro é pra todos aqueles que não têm medo ou
vergonha de presenciarem o sentimento tomando
conta de cada centímetro da pele, das tripas, coração.
àqueles que se jogam com a cara e a coragem, mas
também com o peito miúdo e os olhos cerrados, quase
que chorando. porque às vezes a entrega dói e é
impossível voltar atrás. dos escombros mais honestos
de mim a vocês: obrigado por se permitirem o toque
de tal modo que não se sabe onde começa e onde
termina a transformação. escrever, afinal, é isto: abrir
um espaço dentro de si mesmo pra que o outro deite a
cabeça cansada. aqui, eu me abro pra que vocês
possam descansar. descansem, então.

à minha família, por ter me ensinado como
transformar a dor em metáfora sobre seguir.

às meninas que iniciaram o projeto da TCD junto
comigo: Giovanna Freire, Jessica Ferreira, Júlia Rabêlo
e Yasmin Vieira — nada disso seria possível sem
vocês.

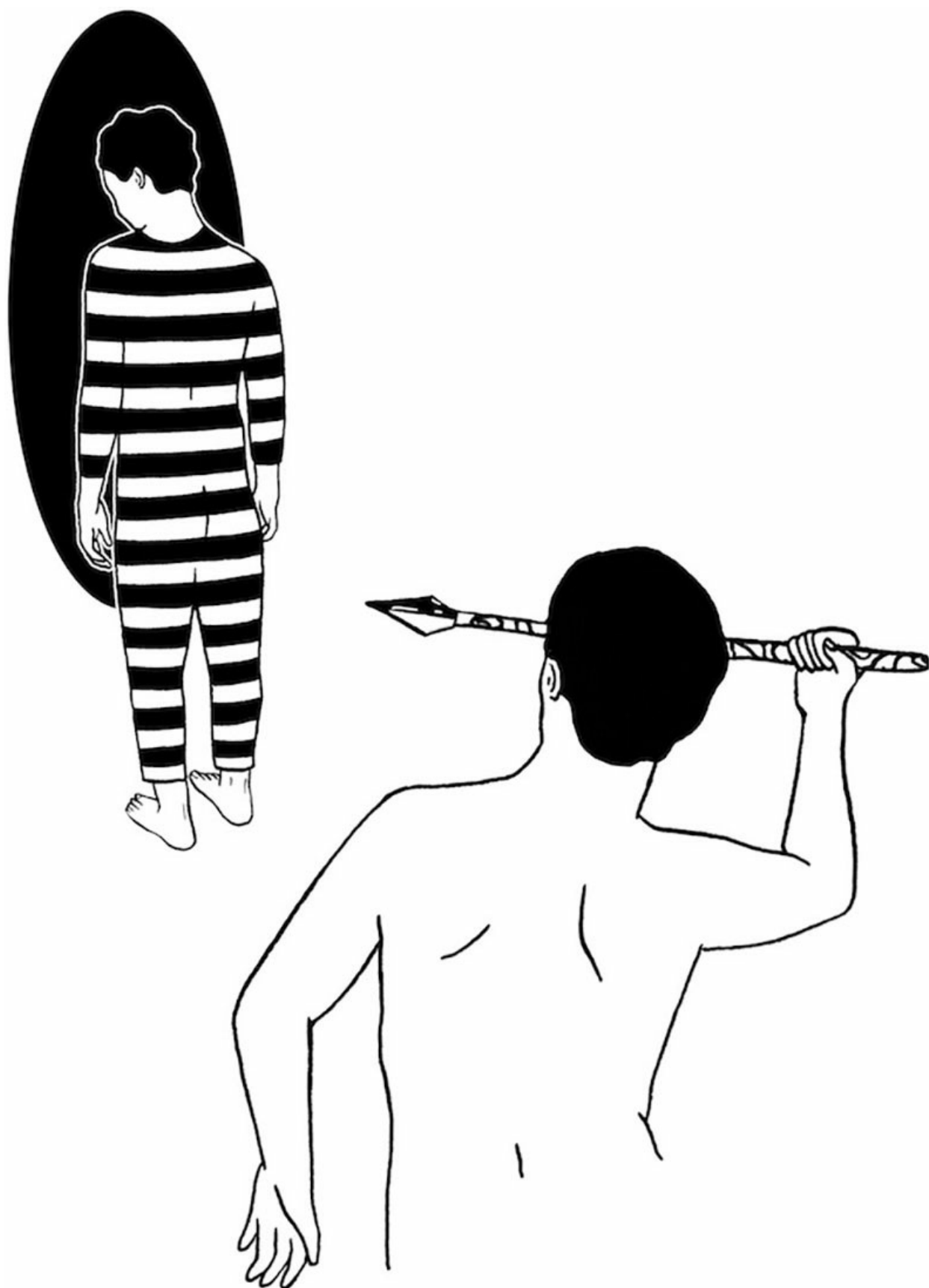
pra quando você se esquecer de mim

a gente precisa enfrentar
a dor de dar errado
muito antes da tentativa.

Yasmin Vieira

um

eu não vou me desculpar por sentir tudo à flor da pele, quando relações pedem conexão e não o contrário.

que se desculpe você, que passou por mim e não se lembra o gosto do meu nome.

dois

não quero pedir perdão pelo que sou ou pelo que carrego.

se é muito duro ou profundo.
se é demasiado ou oceânico.
se é extremo ou infinito.

é que eu nasci de olho aberto.

e precisava estar atento
a qualquer mínima coisa que pudesse me tirar de órbita.

talvez eu não tivesse entendido que já estava fora dela.

três

o que me dói e me faz chorar neste espaço público de mim mesmo é perceber
que fiquei livre da minha mãe assim que cortaram meu cordão umbilical

que em todas as relações românticas
que eu entro
eu saio ferido

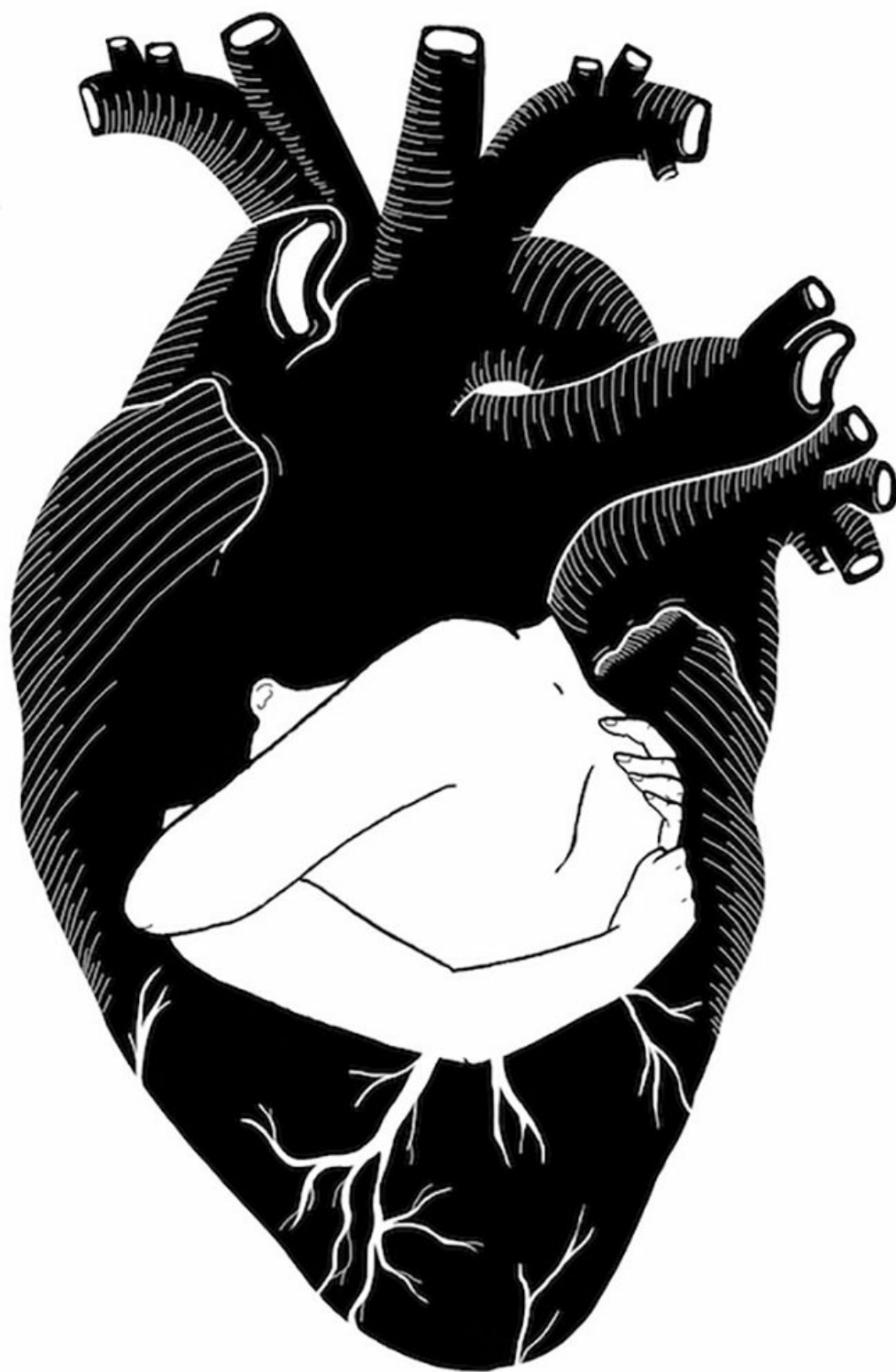
que tudo que toco quebra,
desmancha
ou vai embora.

quatro

vou te levar comigo numa bagagem que ninguém rouba.
que aeroporto nenhum extravia.
que mundo nenhum me toma:

minha lembrança mais humana e completa
de você

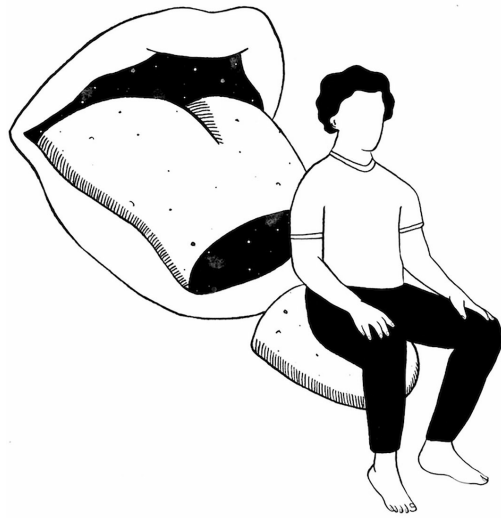
cinco

*poderiam nos transportar pra um território em conflito no mesmo instante dos seus braços tocando minha costela e abraçando a minha desesperança que mesmo assim eu continuaria estagnado na sua clavícula
na parte sua que ninguém mais tem.*

seis

como se você tivesse estudado matemática e soubesse calcular meticulosamente
o perímetro do meu peito, amoroso por sua existência.

sete

quero saber se meu gosto ainda resiste
em viver na sua língua
enquanto você tenta
me esquecer beijando outros.

oito

a dor surgia de assimilar que você era igual aos outros caras que encontrei por aí.

de que você poderia ser diferente de todos eles
mas que, mesmo assim,
preferiu ser igual.

nove

então, num lapso de resignação,
aquieto o peito e cedo à minha própria dormência.

tem sol lá fora. tem gente correndo. há vida.

mas aqui dentro, dentro de mim, uma calmaria e um desconforto de tentar qualquer passo.

o que senti hoje, depois de almoçar às três da tarde enquanto ouvia uma música qualquer no celular, foi algo próximo a paralisar por completo;

a me entender como incapaz de me movimentar.

era como se eu soubesse, por antecipação, o que me aguardava: a vida queimaria de maneira tão bruta que esforço algum seria possível. viver é uma ferida incurável.

dez

uns pensamentos aleatórios como quando me senti amado e foi bom.

quando percebi que era meu próprio amor que era bom
quando o seu amor
tentou ser bom.

mas eu já tinha experimentado do meu próprio e todos os outros amores pareceram e pareceriam
e parecem pouco.

quase nada.

não porque eu não aceite ou não queira recebê-lo.
é só que nenhum amor conseguiu, até hoje, me olhar com calma, serenidade, paciência, afeto.

porque afeto é coisa quase que sagrada,
longe de qualquer mínima sensação que eu tive
ao esbarrar no seu amor.
que continua sendo amor,
não menos que isso.

mas que não preenche, não faz vazar pelo corpo.
não me dá garantia de seguir no mundo.

mesmo se o meu,
o meu próprio amor,
um dia me faltasse.

onze

eu só consigo pensar que um pedaço de mim ainda está contigo.

não sei onde,
com quem,
em quais bocas.

como tenho entrado em outros corpos através de você, visto outros filmes, bebido outros sons, provado do ácido que é existir.

não sei o que você tem feito comigo aí dentro.

eu pergunto:
o que você tem feito comigo aí dentro da sua
cabeça
pele
presença?

pra onde vou quando você fecha os olhos e pede a deus que me retire da sua vida?

quem te alivia?
quem te cura de mim?

como você me enxerga quando passa pelos mesmos locais onde costumávamos existir, sobretudo juntos?

juntos sim,
carregando um ao outro como se estivéssemos criando um momento perpétuo.

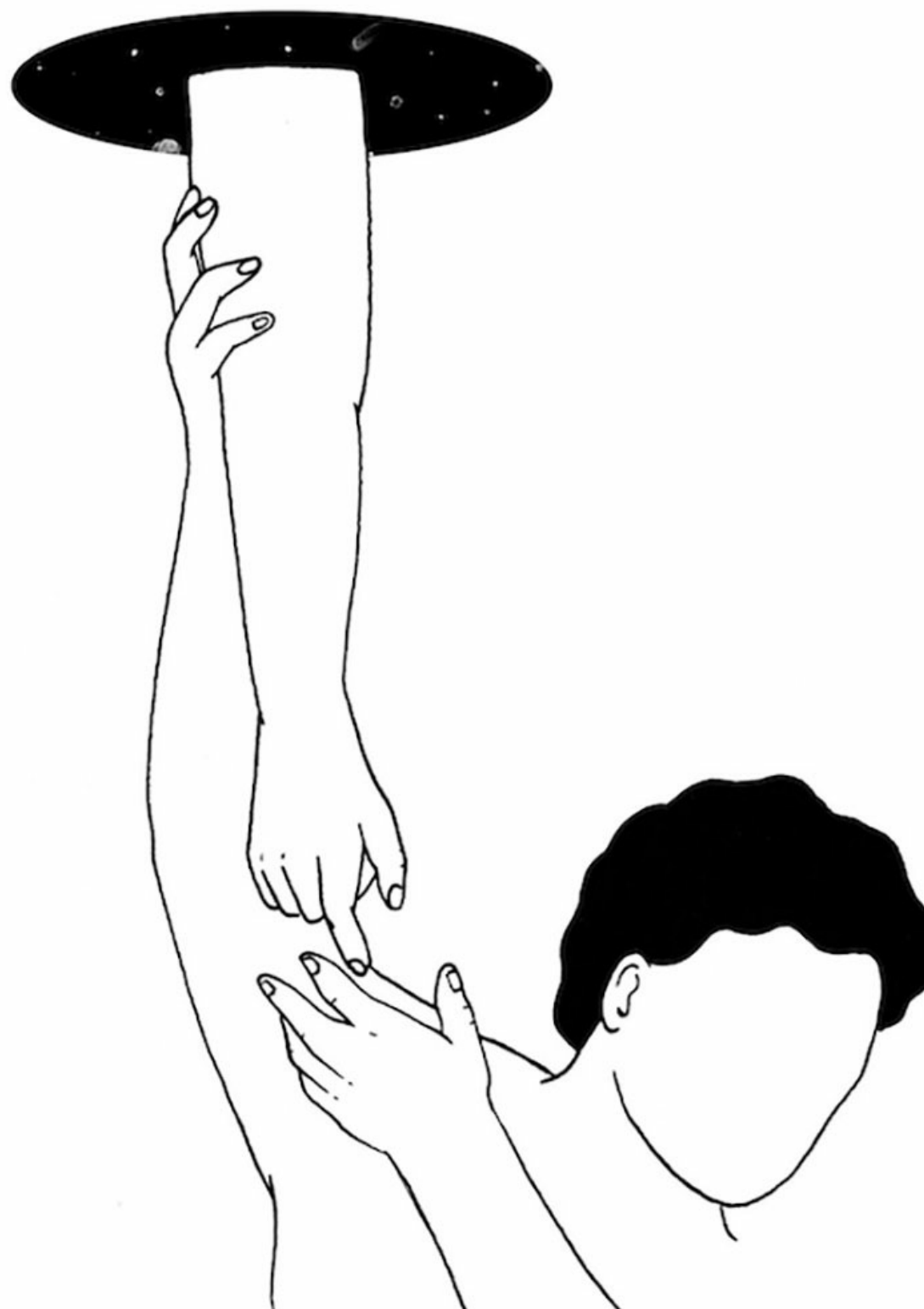
não sei do seu paladar, como você tem feito pra me apartar de todos os seus novos momentos com outra pessoa.

eu ainda me debato na membrana da sua memória enquanto você faz amor com alguém? eu ainda grito desesperadamente dentro da sua aorta enquanto você caminha de mãos dadas por espaços em que me jurou eternidade e todos esses discursos de quem esteve, invioladamente, apaixonado?

a pessoa a qual você se entrega tem sentido seu gosto
ou o meu gosto misturado ao seu? meu filme favorito tem se tornado seu filme favorito com ela?

que gosto tem o sabor de mim existindo em todas as
    lembranças
    contratempo
    coração?

quando você corre e o tempo vai corroendo nós dois, qual braço te alcança? em quem você se enrola pra tentar fugir de mim, que resisto pela cidade e por tudo que toquei com minhas mãos energizadas pelo afeto que construímos?

pra qual deus você reza,
pedindo pra me esquecer?

doze

não consigo ser essa pessoa razoável que esquece o nome do outro já no dia seguinte,
ou mesmo nem pergunta qual gosto tem viver se entregando às mais variadas formas de amor.

não posso ser essa pessoa que esquece a cicatriz, o gosto do beijo, a fala ácida e os centímetros da mão quando ela circula no rosto uma vontade de permanecer.

não quero ser como você.

que veio na minha casa,
me viu nu,
transformou meus medos em paráfrases sobre resistir.

e mesmo assim — tendo compartilhado o peso da intimidade — foi capaz de esquecer ou tornar a experiência uma ode à lembrança mais honesta
sobre nós.

treze

tá me doendo agora não saber o que virá depois. você me penetrou, alma e corpo. amanhã não sei qual será o teor das nossas conversas. medo de você atravessar a rua e me negar afeto. você me disse pra não esperar nada, eu fechei o coração e engoli a seco toda a minha certeza sobre nós. facilmente desconstruí qualquer prece pra que o universo fosse generoso e nos fizesse juntos. o que vem após uma noite em que todas as possibilidades de relação foram instauradas? não sei. a cabeça pesa, cansada de tentar adivinhar os jogos por trás de duas pessoas tentando se salvar de tantos traumas presos na garganta. me tratar como amigo? esfriar o diálogo, a conversa, a intuição? colocar a conexão à margem do desejo e se atirar em outros, esquecendo do que fomos? você vai virar a esquina sem se lembrar do gosto que eu tinha quando estava com você. tá me doendo agora não saber como pausar todas as inseguranças que, como animais selvagens, correm atrás de mim. desde o dia em que você me habitou não sei se fui salvo ou arruinado.

catorze

pronto, outra pessoa foi embora. desta vez não me sinto triste ou empalidecido. não sinto nada. quis escrever imediatamente depois da fuga, depois da última mensagem visualizada e não respondida. quis gritar também. escrever um cartaz e pendurar na sacada do prédio. quis grunhir de dor. quis pular, bater o pé e deixar que toda a culpa fosse dissipada. mas não o fiz. agora não tem nada. evaporou. como pode uma pessoa sair da sua vida do nada? do nada. numa quinta-feira vocês conversam sobre cinema peruano e na sexta-feira nada.

a semana inteira planos, qual melhor lugar para ver o pôr do sol, quanto está o quilo do pão aí no seu bairro, o sexo de domingo foi muito bom, né? e na sexta-feira nada. em menos de 24 horas as coisas se tornam cruas, pesadas e superficiais. a intimidade dá espaço a um vazio e você se sente culpado, o que eu deixei de fazer? meu deus do céu eu não posso ser tão desinteressante assim, onde foi que errei. de repente nada. e de repente tudo. desta vez não sei. foi tudo tão rápido.

ainda dói. a quem estou tentando enganar? é claro que dói, porra. dói muito. mas amanhã quem sabe isso passe. vou torcer pra que sim.

quinze

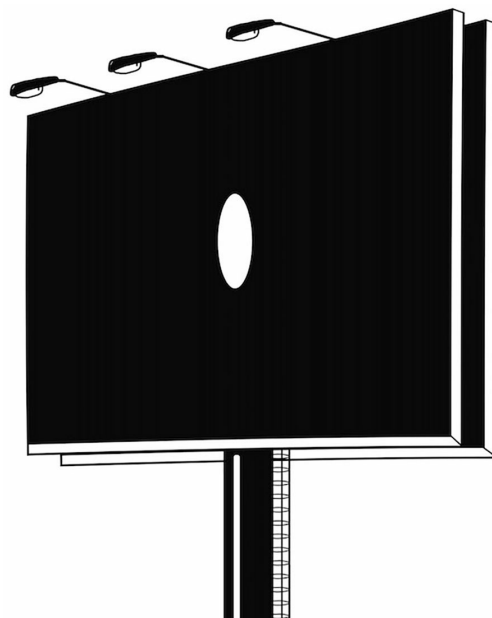
colocar seu nome no letreiro mais perto de casa.
anunciar a rejeição.

dizer que você não me quis
mesmo eu podendo preencher todos os vazios da sua cidade.

estender bandeira.
homenagear o seu desprezo.
erguer um altar ao seu ego inflado.

enrijecer a garganta.

orar pra que deus nunca mais me permita sentir algo similar à paixão,
porque ela dissolve e resseca,
apaga e induz à queda.

e eu nunca fui bom em propagandas e outdoors.

dezesseis

não precisava que você dissesse que gostaria de ficar.

mas queria saber da sua boca
se eu era o suficiente

pra fazer

seu peito deitar no meu
sem querer ir embora.

dezessete

o que dói não é a saudade de me sentir acolhido no seu desejo de estar comigo.

é a ausência contínua de não saber se você volta.

dezoito

enquanto o ácido da sua partida ainda preenche minha memória,

pergunto a deus se você se atreve a pensar que eu fui o mais próximo que chegou de ser

total
honesto e
completamente amado por alguém.

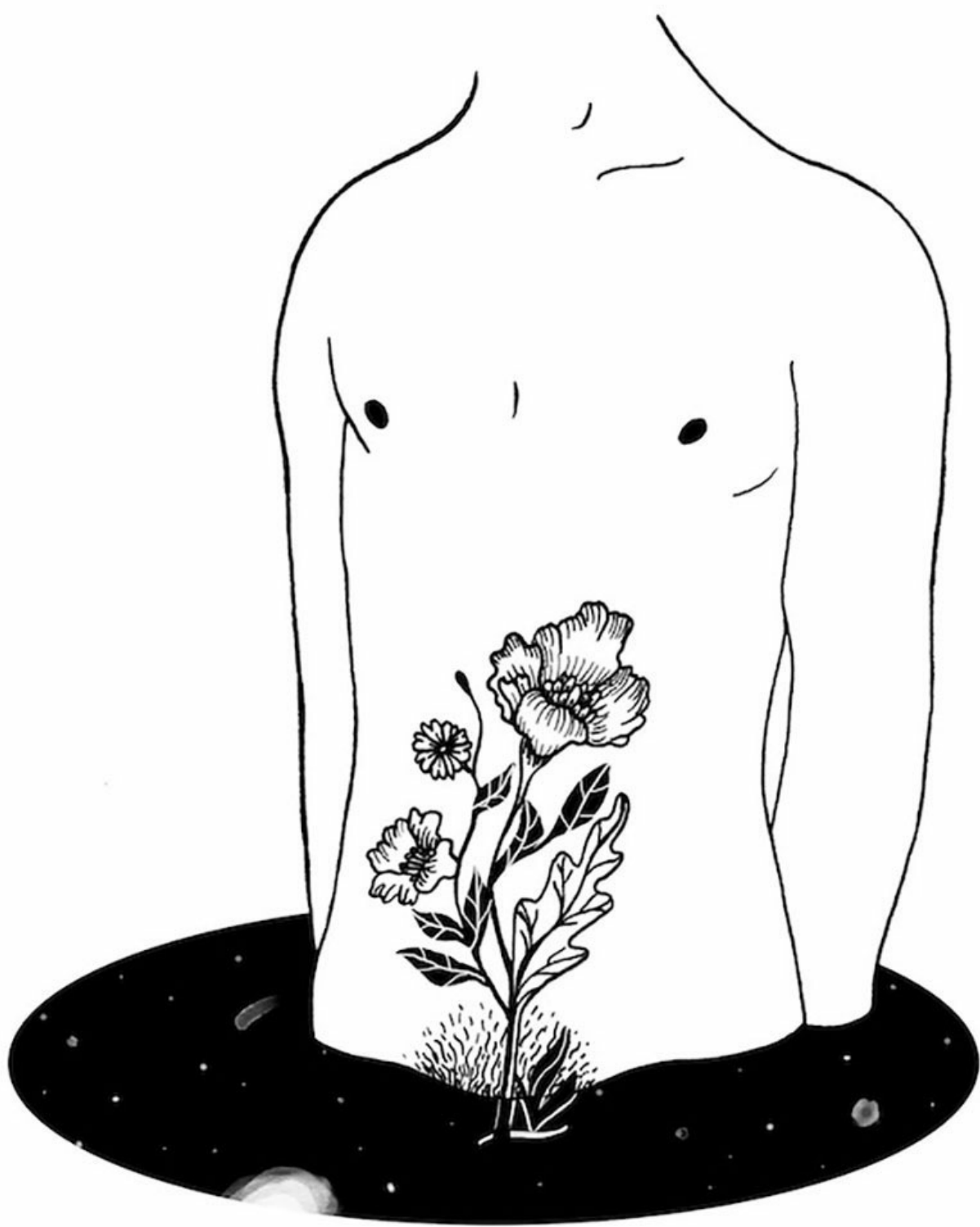
dezenove

não quero que fique porque é conveniente
porque a cama está arrumada todos os dias
e tem a luz do sol mais linda que você já viu

não porque meu corpo é grande
e o caminho entre meu peito e o púbis é o mais confortável por onde sua língua já passou

não porque fico de quatro, cinco e seis pra que você entre em mim da maneira mais fácil e prazerosa possível

não quero que fique porque meu prazer foi a melhor coisa que você recebeu
tanto que poderia facilmente confundir com afeto

eu quero que você fique porque,
embora eu seja bom em todos esses movimentos,
eu sou ainda melhor em amar.

vinte

o espaço entre nós
é similar à vez que quebrei o braço e fiquei imaginando que nunca mais seria
a mesma pessoa

o braço continuaria ali, porém não intacto

quando descobri que você poderia ir embora
eu soube, pela segunda vez:
se voltasse

meus braços não segurariam novamente nossa queda.

vinte e um

que o amor era pra mim como abraçar um deus que nunca vi. numa quarta-feira fria do rio de janeiro, quando o sol decidiu descansar dos nossos rostos tristes
e indefinidos

algo tão distante que eu poderia caminhar daqui onde estou
até a praia
que quando chegasse a ela
teria chegado a lugar nenhum

tão simples no entanto tão árdua
a caminhada entre o aqui
e o lá
entre colocar o pé num colo divino
ou permitir-lhe fincar na terra

entre o dia em que te avistei
e o dia em que me esqueci do teu nome.

vinte e dois

reconstruir a própria pele depois de você ter despejado *o gozo*
a indiferença
a fuga
tem sido a tarefa mais difícil e honesta a se fazer

a gente nunca sabe quando alguém vai entregar a
paz e o perdão
ou
se tudo não passará de uma lembrança falha de
quando se acorda no dia seguinte e não resta nada

gratidão por ter me feito como os outros
por ter me tratado com tamanha superficialidade que meu nariz poderia sangrar um Mar Vermelho inteiro
por ter me colocado no raso da sua existência
pois voltei à minha própria visão de mim mesmo
e notei que estou a salvo de você.

vinte e três

me sentir sujo depois de
ter sido só mais um penetrado por você
foi como ser um oceano
e receber visitantes inesperados que nunca quiseram propriamente mergulhar.

vinte e quatro

você ter entrado em mim
conhecido cada milímetro da minha intimidade
revisitado meu prazer mais obscuro
e a honestidade mais nua e exorcizada.

você ter me virado do avesso.

colocado minha alma pra dançar a trilha sonora do amor em plenitude e forma: as pernas pro alto,
alguém tão frágil por estar entregue
ali.

e você ter no outro dia
ido embora.

com meu cheiro ainda na sua cueca.
na molécula que você abriga sua nudez.
na parte que não muita gente tocou.

com minha saliva pedindo pra você ficar.

não vai não.
eu implorava.

você ter me visto pequeno,
sem melindres.

verdadeiro ao me doar
e ter querido meu corpo
suor e fraqueza.

e ter não só lambido as cicatrizes
como carregado meu trauma na clavícula

no centro da coluna vertebral.

no segundo imediato em que de nós dois
brotaram fogos de artifício.

e mesmo assim ter me esquecido
com o que eu não entreguei a qualquer um.

você que escolheu ser qualquer um.

vinte e cinco

dias ensolarados entram pela janela de mim
pra me lembrar que não preciso mais da sua luz.

a memória é uma pele

Acontecemos e era bom. Espero que lembre disso. De cá, te desejo o bem, e que seja gigante. Estou sendo.

Júlia Rabêlo

o meu amor por mim
me salvou.

obrigada por me mostrar
isso — da maneira mais
honesta e desagradável
possível.

as paredes roxas de casa secaram

toda vez que eu penso em você uma dor escorre pela ladeira do meu rosto.

juro por todos os deuses existentes ou inventados que não houve uma dor maior na minha vida do que me desconectar daquilo que construímos.

a explosão suscitou em mim desejos por desaparecer da rua, pintar as paredes da casa de azul pra roxo, trocar os pneus do carro, carecer de chorar escondida no canto da sala com um cigarro nas mãos pra ter a sensação próxima de segurar algo maleável — por tanto tempo eu fui o objeto segurado nos seus punhos cerrados e desastrosos.

queria te mandar um e-mail. mas aí eu lembro que sou boa demais e que preciso ser um pouco má ou aborrecida comigo mesma. que preciso estar honestamente afetada por aquilo que você foi na minha vida e por todas as vezes que você deitou em mim uma espécie de culpa inteligível.

confesso que queria ligar, ouvir sua voz rouca e macia, muito parecida com a de outros mil caras por aí, mas que, se ouvida com calma e apreço, torna-se palatável. contar coisas como por exemplo das bocas que toquei depois de você, dos corpos que me quiseram com tanta força que o rio Jordão saltaria da bíblia sagrada, das pessoas que me quiseram tão próxima a elas e às quais resisti.

dei a mim mesma mais espaço pra dormir na cama, volto pra casa antes da meia-noite, troquei meus verbos favoritos, tenho três tatuagens novas, adotei mais duas gatas, fui morar no sri lanka, me reconciliei com jesus cristo, aprendi a cozinhar.

contar. coisas. tantas.

é dessa parte que mais sinto falta em você. ou no mundo. nós fomos criados pra tocar uns aos outros e quando terminamos, tudo, eu quis pular em suas costas e pedir perdão pelo que havia causado.

somos ruínas que habitam o mesmo território alagado. estamos abrigados no mesmo prédio da desilusão, tentando descer as escadas rapidamente pra não sermos queimados por tudo aquilo que produzimos e que começa a explodir.

sim.
eu e você estávamos correndo, desesperados, pela ideia de encontrar alguém que pudesse suprir — meu deus do céu — tantas coisas, de que nem precisávamos, ou precisamos.

éramos duas casas
construídas no mesmo metro quadrado
com propostas diferentes.
você, oco. eu, evasão.

mas acabou.

e o problema das coisas que terminam é a vontade de dizer sobre aquilo que ainda fere na passagem do tempo quando, separados, só nos resta a agonia de não saber o que acontece em tempo real, o que se tem comido, como se tem passado, se há pranto.

quando as coisas terminam, a luz da cozinha é apagada porque não há jantar, as gatas não miam por tristeza ou insolência, o mundo é menos mundo porque deixa doer. a dor cicatriza e anestesia a pele e temos vontades absurdas de reatar, de colocar a mão no destino e segurá-lo entre nós e a pessoa amada.

por muitos dias, quis arrancar a decoração das ruas da cidade e tudo que pudesse, num lapso ou falha da minha autorresistência, lembrar você ou os meses em que olhamos juntos pro mesmo caminho e queríamos ficar.

por vezes, desvio das rotas que fazíamos, desperdiço tempo enchendo a mente com coisas rasas pra apagar qualquer resquício seu, enterro movimentos e ações que me lembrariam você.

os ovos nem tão fritos no café da manhã.
a carne passada demais no almoço.

os dramas franceses e amadores que não entrariam em catálogos como os da netflix.
seu cheiro de borracha com mel.

mas ainda lembro de pequenas coisas
e tudo que isso faz é doer.

coloco meus dedos sobre o teclado do computador, ainda afetada pela ideia de você, rezo pra deus ou algo próximo a isso, escrevo:

> “esta será, de uma vez por todas, a última coisa pensada, escrita e direcionada a você. é quase meia-noite, não preparei meu jantar, as gatas não miaram, as paredes continuam com cheiro de tinta roxa, você não veio. e você não vir não é o maior dos problemas, mas a ideia acostumada de que, por você ter vindo todos os dias durante um ano, você viria hoje também. erramos por nos acostumar ao conforto da estadia e, mais do que um amor romântico e naturalizado, nutro por nós uma espécie de apego. é isso. estou escrevendo desta última vez pra me aliviar da afetação que você causou; porque houve mágoa e perdões que não foram aceitos, reiterados, ouvidos. porque as velas que você comprou pro natal não serão usadas em ocasião alguma. porque os tapetes e a luminária do quarto serão depositados num saco preto displicente. porque o entregarei à minha vizinha.
>
> você me fez entregar nós a pessoas que não sabiam da sacralidade do amor.
>
> depois do fim, passei a me agarrar a qualquer resquício daquilo que poderia me distrair da memória conflituosa que criei — salas de cinema lotadas, faxinas concomitantes ao seu cheiro indo embora dos cômodos, exílio do mundo.
>
> mas, embora todo o processo de reconstrução tenha sido doloroso e muitas vezes atormentador, escrever estas palavras mastigadas me reconforta debaixo disso que chamam de trauma. pois o trauma seria bem maior se eu tivesse virado as costas e sentado na calçada pra chorar. eu chorei, sim, você e nós, sobretudo em pé, como tinha de ser.

> em pé, soterrada pela agonia da despedida, mas soerguida pela promessa do meu amor a mim mesma.
>
> o meu amor por mim me salvou.
> obrigada por me mostrar isso — da maneira mais honesta e desagradável possível."

envio o e-mail.
desabo aos prantos.
as gatas miam.
finalmente passo a gostar das paredes roxas do apartamento.

deixa eu te contar daquela vez em que eu pensei que a gravidade da Terra fosse despencar porque você me olhou nua e despreparada

naquele dia eu poderia ser sugada por uma espaçonave da NASA *e permaneceria intacta e ilesa pela ideia de você*

like crazy

eu te conto dos dragões que vêm me visitar tarde da noite, eu te conto do terremoto de 8.9 na escala Richter que destruiu a avenida mais movimentada do meu peito, eu te falo da minha entrega fatídica e cotidiana em continuar porque, apesar da dor e da luta, preciso resistir. preciso resistir. preciso resistir.

estamos todos lamentavelmente separados pelas agonias do universo.

você fumou um cigarro e se preocupou porque seus projetos não viraram no mês passado e eu só me sinto perdida e desamparada nas curvas da cidade.

a que nível de autodestruição nós estamos fadados?

você esconde as fitas cassete do Tom Jobim e eu chego em casa depois das dez da noite pra ter que me espremer ainda mais diante das suas verdades.
em que momento das nossas vidas o apartamento ficou tão pequeno pra ambos?

eu só tenho 26 anos.
eu quero sair daqui,
me deixa sair daqui.

eu me atraso pros jantares em que você está.
eu corto caminho pra chegar primeiro em casa
e dormir.

eu durmo até quando queria me esparramar em você.

eu queria te contar daquela primeira vez que você entrou em mim e parecia uma superestrela entrando em órbita na ilha de Jacarta. te contar da sensação quente entrando pelas minhas veias e emergindo orquestras sinfônicas rente à minha derme.

deixa eu te contar daquela vez em que eu pensei que a gravidade da Terra fosse despencar porque você me olhou nua e despreparada. naquele dia eu poderia ser sugada por uma espaçonave da NASA e permaneceria intacta e ilesa pela ideia de você.

deixa eu te dizer baixinho antes que meus sussurros não te surtam mais efeito. dizer que na primeira vez em que o toque foi um fio condutor de eletricidade eu quase morri afoita pelo tamanho que você aparentava ter.

eu suava uma hidrelétrica de Itaipu toda vez
que você se erguia pra mim
antes que eu deixe de correr pra chegar tarde em casa
antes que eu deixe de correr pra chegar cedo demais e não precisar esbarrar em você.

é que eu te amo tanto, ainda.

quando é que você volta? o relógio parou de funcionar e é alto demais pra eu tentar me suicidar em tentativas furtivas de consertos que não dão certo em minhas mãos.

sou uma retórica porque sou o
próprio relógio inconsertável.

deixa eu te dizer que amei tudo que você trouxe
nos braços ciganos de quem havia por muito tempo se debatido pra chegar àquele momento inteiro
e você estava inteiro.

deixa eu te dizer que você foi o melhor dos presentes descartáveis de um possível deus feliz com sua criação
porque ele decidiu que nos esbarrássemos pra provarmos, os dois, do sabor desgastante da vida

“like crazy”,
você disse.

“é um dos meus filmes que não dão certo favoritos”, repliquei. *trépida, trêmula, tenaz*. você sempre gostou de adjetivos que começam com a letra T.

eu era um erre no meio do Rio.
“Rio de Janeiro?”, foi sua segunda fala depois da explosão que nós fomos quando o toque eclodiu — era sábado, mês de junho, 2014.

“não, não. São Paulo mesmo”. respondi.
você aquiesceu.
compreendi.

e estou escrevendo essas coisas embaralhadas porque você logo chega em casa e eu te amo mesmo precisando me certificar de que:

> as begônias continuam nos vasos
> as gatas, em premonições paulistanas,
> descansam em paz
> aquilo que tivemos não existe mais
> você não vem.

prometo não falar mais de você quando vir meus amigos comentando sobre os ex-namorados.

prometo colocar a mão na boca todas as vezes que pensar em amaldiçoá-lo.

terei respeito pelo que destruí.

texto interminado I

o ano vai acabar e mais um ciclo será encerrado
e com ele você.

com ele, você.
eu com você.

aquilo que eu fui com você.
nós, mistificados pelo conceito de amor.

o ano vai acabar e eu vou massacrar minha memória mais profunda de você e colocá-la num latão de lixo muito próximo à fossa que tem aqui perto de casa. você nunca gostou do meu bairro.

o ano vai acabar e eu vou estender minha memória mais amorosa sobre aquilo que você foi e, com um tanto de trabalho, vou soltá-la no céu mais poluído e cinzento de São Paulo. e ela vai se perder entre chaminés de fábricas que fazem biscoitos natalinos e fumaça de carros que levam famílias conturbadas pela ideia de separação.
o ano vai acabar e você vai ficar estagnado com ele naquilo que existiu no passado, como o movimento dos pintores renascentistas que, embora tenham suas obras eternizadas, não voltam mais.

e meus amigos vão perguntar de você em rodas descontraídas, em falas descuidadas — porque, sabidos do que você foi, deveriam silenciar — e eu vou responder que não sei, nunca toquei.

eu vou deixar minha memória mais sutil de você presa numa rebelião dos que têm fome. e eles vão degustar todas as vezes que você me ofereceu amor em troca de prisão. eles vão lamber todos os pratos que você me doou em troca de momentos conturbados e suspensos sobre a estética do abandono.

prometo não falar mais de você quando vir meus amigos comentando sobre os ex-namorados. prometo colocar a mão na boca todas as vezes que pensar

em amaldiçoá-lo.

terei respeito pelo que destruí.
tudo que destruímos deveria ser colocado num altar imaculado pra que não voltemos a ele.

você é meu altar sagrado.

porque eu não gritei quando vim ao mundo. porque você não gritou quando falei do fim. porque a vida não espera ninguém. você sempre esteve apressado.

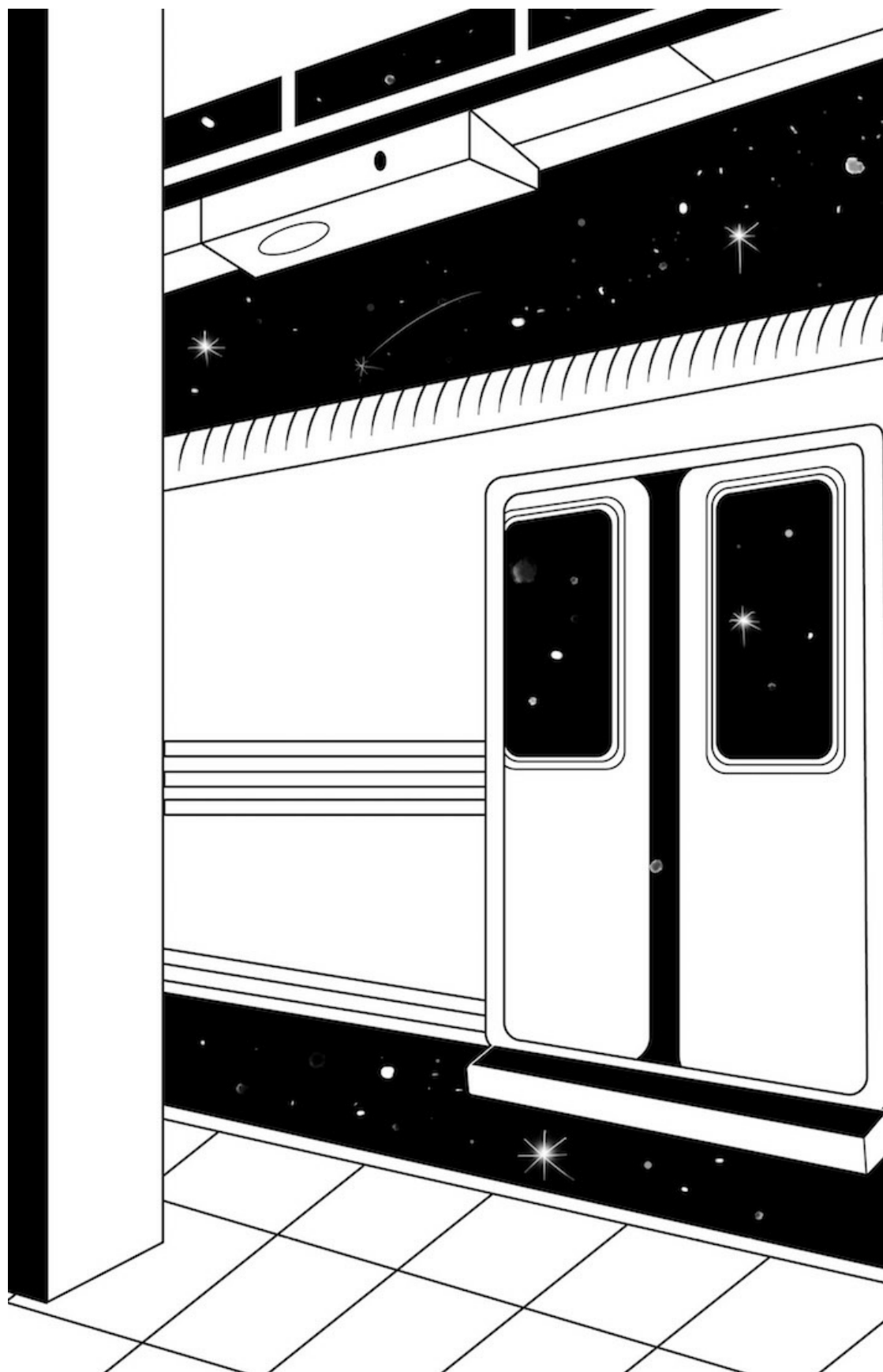
estação consolação do metrô

se pudesse, escolheria o caminho mais fácil. não teria gritado no útero da minha mãe. teria requerido voltar àquele lugar que era quente e manso. teria me entregado menos às situações mais banais que são a vida remoendo nos cantos. teria preferido não encontrar com você na saída do metrô. teria optado por me fazer de desentendido quando te vi correndo em direção a mim. fingir um desmaio. andar em meio à multidão que faz fila pra passar na catraca. teria evitado o toque da minha mão na sua coxa. teria evitado passear pelas ruas do centro da cidade (elas me doem tanto agora). teria evitado te olhar no buraco dos olhos permanentemente. teria me espreguiçado apenas sobre mim mesmo, quando na verdade me esparramei pela sua pele vulcânica e cheia de feridas. você estava machucado, eu também. a vida é dos que se encontram sem grandes pretensões. eu nunca escolhi os caminhos mais fáceis. e de repente você. se eu soubesse, como numa premonição, de toda a dor, eu teria evitado.

a intimidade que lhe concedi porque achava que devia. teria evitado esbarrar com você pelas ruas que não foram nossas mas que agora presenciam a frieza que há entre mim e você. as ruas, os postes, os fios com seus geradores de energia, o concreto refeito muitas e muitas vezes, as lojas de conveniência, todos presenciam nosso encontro cheio de indiferença. eu teria evitado chorar na sua frente, mostrando humanidade. eu teria evitado desnudar minha alma alarmada pela ideia da permanência. mas eu nunca fui das sensações e presságios; ainda assim, segui em frente.

eu poderia ter evitado sentir cada arrepio na ponta da espinha quando você dizia que precisava ir. eu poderia ter ido. evitado as guerras pelos espaços concedidos, pelo que estava na goela e saía abruptamente: eu teria evitado me ferir se tivesse expulsado você de dentro de mim. as grandes revoluções sempre existiram pra colocar em pauta a necessidade de se rebelar contra aquilo que era sistemático, rígido. eu teria voltado atrás e não teria sido uma delas. eu teria evitado ser afetado pela rebelião que você você foi pra mim. mas eu nunca evitei que a vida me atingisse feito um soco. que o amor me

segurasse pelos braços e me obrigasse a aprender e eu aprendi tanto. por ter tentado demais, falado demais e ter me espremido dentro de uma caixa pequena e escura. a vida me exigiu maturidade pra seguir em frente mesmo sem saber ou entender por quê. eu teria evitado a dor de ver você indo embora antes mesmo de mim. porque quando eu fui, você só se conformou ao ato abaixando a cabeça e, passivamente, me entregando o aval de que tudo havia acabado. porque não previ o fim e mesmo assim insistia na dor cotidiana de estar ao seu lado, tentando inutilmente receber uma espécie de amor. porque eu não gritei quando vim ao mundo. porque você não gritou quando falei do fim. porque a vida não espera ninguém.

você sempre esteve apressado.

estou me lavando de você.
as minhas células, espertas que são, já fazem o trabalho e, em reunião com meu organismo, tecem uma estratégia de expulsão.

entre melancias e livros

vou lavar a minha pele com doses de esquecimento.

você vai escorrer como um óleo pelo meu corpo e no banho seguinte já nem estará aqui.

a gente demora meses, até anos, pra esquecer o perfume de quem se amou muito. eu me esqueci do seu depois de 176 dias. você ainda se lembra do meu?

não importa, só queria dizer que esqueci. mas que eu também te vi passar por mim no centro da cidade. me escondi na primeira quitanda que avistei e você passou, indiferente. a vida é engraçada porque meses antes éramos o casal mais apaixonado de São Paulo.

hoje, se me visse sendo atropelado por um carro a 200 quilômetros por hora me deixaria lá, agonizando. o momento exato em que nos tornamos estranhos eu não ouso lembrar. sequer palpito que tenhamos nos transformado em estranhos ainda juntos.
será que já não nos estranhávamos de muito antes?

eu sei que amei você porque você me oferecia conforto e estabilidade. a sua mão era uma grande depressão geográfica que aninhava meu tremor de terra por qualquer mínima coisinha que me feria neste mundo.

mas agora, agora somos dois países em conflito de interesses que por muito tempo se beijaram e até trocaram carícias.

você me olhava dentro dos olhos enquanto estava em mim, eu sussurrava feito um animal que está prestes a ser abatido. o amor nos torna frágeis. você poderia ter me cortado do rabo à cabeça e ainda assim eu te daria minha mais afetiva intimidade. era o meu peito, meu medo, minha insegurança. era a sua insegurança, o seu medo, o seu peito. porque não prevíamos o fim.

ou se prevíamos, era algo tido em mente como canonizado e santo.

finais são contemplativos. vou te observar indo embora da minha vida sentado no terraço do prédio mais alto da cidade. vou te observar tropeçando em outras pessoas, livre e feliz por estar andando e correndo.

um sistema livre pode ser a falha de deus
mais bonita de ser vista.

você vai a festas, encontra outros corpos a fim da mesma coisa que você, se desintegra em outras vidas. você é um sistema à procura de um pouco de liberdade porque tudo ou quase tudo é prisão: anúncios de publicidade, um pouco de álcool aos finais de semana, terapia toda quinta-feira. tudo é uma droga e o nosso amor era uma.

estou me lavando de você.
as minhas células, espertas que são, já fazem o trabalho e, em reunião com meu organismo, tecem uma estratégia de expulsão.

na semana passada cortei o dedo numa farpa, mas não chorei porque isso me tornaria reminiscente daquela vez que você me feriu e eu permaneci na proa do barco. hoje eu tenho como escolher agachar no escuro pra chorar a dor do dedo ou permanecer intacto, incólume pela ideia de você.

tomo banho pensando que, se minha memória se esqueceu da sua facilmente, outras coisas também serão esquecidas, talvez por osmose.

o mini topete no seu rosto mais ou menos redondo.
a maneira trêmula com a qual demonstrava o prazer.
a estranheza do meu amor te causando arrepio.

as coisas perecem e eu me escondi entre abacaxis e tomates pra que você não me reconhecesse. eu não podia me dar ao luxo de querer sentir o teu cheiro no presente — como iria seguir a vida me lembrando da maneira como você respira no mundo?
preferiria me agarrar ao escuro que é não saber.

não saber de você me salvou várias vezes do choque anafilático: eu corri pra aquele lugar, onde você não supunha que eu estaria, e o mundo seguiu.

os carros continuaram passando abruptamente pela avenida. o dia continuou irritantemente quente e devastador.

a quitanda continuou vendendo frutas e verduras aos moradores do bairro.

você só é você dentro dessa constelação irônica a que chamamos de vida: o banho acabou e
tudo escoou pelo ralo.

eu sei que doeu em você porque eu fui a única pessoa que olhou dentro do seu olho e pediu calma.

porque todas as outras pessoas passaram por você e pediram pressa.

São Paulo 15 ºC

está frio aqui em São Paulo.

do outro lado da cidade,
você está pensando em mim.
eu sei que sim.

já se passaram meses desde a última vez que nos trombamos enquanto caminhávamos pelas ruas da cidade. você parecia infeliz, eu também.

tem dado certo pra você?
    a vontade de viajar pra Colômbia
    aquele relacionamento de, agora, meses (?)
    o emprego dos sonhos

o que você tem comido? às vezes fico pensando se você ainda come enlatado porque não sabe cozinhar. tem uns vídeos no facebook que ensinam a fazer comidas mais práticas; já tentou?

ainda leio aquele livro que você me deu no dia do meu aniversário, no nosso segundo mês de relacionamento.
confesso que já senti muita raiva dele porque representava pra mim uma espécie de memória ruim, mas hoje é só uma lembrança de quando você era bom.

deste lado da cidade, tenho pensado muito em você.
conheci o cara com quem você esteve depois de nós. moço bacana, orientando, sabia pouco de mim e da gente não contei muito. o que poderia dizer, afinal?

foram quatro semanas na reabilitação depois do término.

tive medo de ir pra faculdade.
São Paulo escureceu minhas vistas.

sabe como eu sei que pra você foi igualmente difícil?

porque a memória é uma pele. membrana mesmo, dessas que vão acabando com nossa sanidade, fazendo a gente rever e desconstruir conceitos.

eu sei que doeu em você porque eu fui a única pessoa que olhou dentro do seu olho e pediu calma. porque todas as outras pessoas passaram por você e pediram pressa.

porque quando faz frio, você não tem minha preocupação e singeleza ao questionar se seu corpo está bem agasalhado ou não.
mas a vida segue, os prédios da cidade continuam a ser construídos, o maquinário erguendo projeções para alocar mais trabalhadores, o mundo desabando desilusões amorosas em pessoas mais frágeis, como eu.

você pensa em mim pois meu organismo entrou no seu e o clima ajuda na acareação.

imagino você caminhando pelas ruas com a cabeça baixa, peito protegido, olhar indiferente.

é assim?

sai às vezes no final de semana com os amigos, vai uma vez por mês a alguma balada distrair a mente, omite dos pais que tem um novo alguém.

tá frio, São Paulo adoece as pessoas, quero muito que saiba que não te desejo mal nem faço julgamentos profundos sobre o que você me fez. a vida guarda pra gente aquilo que, com carinho, guardamos pra ela.

te guardei por muito tempo em momentos preciosos, mas você sabe... há coisas que caem no asfalto e a gente não recupera nunca.

talvez o outono do ano passado. o outro outono, do retrasado. nós dois, confessadamente entregues.

a memória que doía tudo e hoje só conforta.

você, do outro lado da cidade. eu, deste.
e tudo mais.

mas se meu âmago é sujo e dependente,
por qual dos meus discursos você criará
certa empatia?

menos Clarice, mais Eu e Você

um dia nos encontraremos com o coração menos duro e as certezas menos solidificadas. algum dia nos encontraremos com os olhos mais calmos e o perdão pedindo pra voltar. mas talvez eu não te perdoe, de mim não sei muito.

quando lia Clarice Lispector na minha adolescência e imaginava o quão longe e aturdida ela estava pela ideia do amor, nunca imaginei que em algum momento poderia supor chegar a um estado parecido ou equânimo. acontece que, depois de você, caminho pelas ruas da cidade com todo o medo de alguém saltar meus ombros e me demandar amor.

tenho medo de me pedirem reciprocidade e todas essas coisas que não fazem sentido quando o amor não é uma ciência exata, mas sim permissões e concessões: eu decido compartilhar com você meu corpo, minha pele, minha memória angustiada, os centímetros da minha fala, a maneira com a qual meus pés se desenrolam, meu medo de aranha e multidão.

você decide me oferecer melancia no café da manhã, me levar aos parques da cidade, às livrarias mais charmosas do centro, às festas mais legais do bairro, àquela parte tua que ninguém nunca foi.

e talvez o mistério das obras Clariceanas esteja no fato de que Clarice sempre foi no âmago das discussões, pessoas e palavras. se eu ousar fazer o mesmo, enlouqueço ou me torno mais lúcido?

um dia nos encontraremos e minha lucidez estará à frente da minha vontade de te perdoar. quem sabe daqui a uns anos você adquira corpo, memória, intuição? quem sabe daqui a uns anos eu adquira estômago, racionalidade e um pouco de maciez?

queria te perdoar e eliminar todas as toxinas de mim.
mas se meu âmago é sujo e dependente, por qual dos meus discursos você criará certa empatia?

quero te encontrar daqui a uns anos com meu âmago experienciado pelo sabor da vida. explico: até nos reencontrarmos, quem sabe no Arpoardor num calor de trinta graus, quem sabe na fria e paulistana rua Augusta, quero ter adquirido maturidade e humanidade suficientes pra poder te conceder um abraço, um sorriso sincero e uma conversa tão esclarecedora que nem deus suporia que poderíamos ter.

quero te ver homem grande, como sei que é. quero que me veja também homem grande, como sei que sou. quero que entendamos sobre o tempo e suas peripécias e sobre o quanto tentar é importante.

no jogo do amor não há derrotas — há, na verdade, dois ou três âmagos que decidiram não viver separados, distantes do seio do universo...

um dia nos encontraremos e você me confessará que na sua memória ainda existe espaço pra nós dois, que na escrivaninha do seu quarto ainda restam os livros com os quais te presenteei, que minhas falas perduraram na sua cabeça e te guiaram por um caminho menos trabalhoso em se tratando de relacionamentos.

vai me falar sobre entregas, que é difícil se doar pra alguém pois o medo da dor por vezes é maior, que eu fui bom pra você e vice-versa. vou te confessar que a vida é um sopro que quando se vê, já foi embora. que devemos aproveitar todos os espaços concedidos, entre um trabalho e outro, relacionamento e outro, conexão e outra. contar que amadureci ao ponto de não ficar mais intrigado com a maneira umbrosa com que terminamos e com os destinos nos afastando de forma tão brutal.

talvez âmago seja mesmo essa coisa disforme que fica em nós depois que outra pessoa decide pisar fundo até faltar o ar. faltou pra mim, muitas vezes.

daqui a uns anos, te encontrar sereno e realizado. me encontrar sereno e realizado. com o coração menos amargurado e a vida mansa.
um dia nos encontraremos menos Clarice, mais Eu e Você: completamente entendíveis e compreensíveis um pro outro, como nunca fomos.

há um pouco de você em tudo que toco,
mas tudo que toco é incerto e turvo.
seria você a parte amarga que se
levanta comigo ao amanhecer?

confessamente imperdoado

você me puxa pelo braço,
me pede perdão.

mas são seis horas da tarde na cidade que nunca dorme
como posso te perdoar se, antes disso, preciso me certificar de que não vou morrer na pressa cotidiana e asfixiante de São Paulo?

tem outras demandas na frente do perdão.
preciso me certificar de que me alimentarei cinco vezes por dia. preciso acoçar meu olhar pra mim mesmo e ver se no final do dia estou saudável, vivo, esperançoso, num lugar confortável.

não tenho tempo pro seu perdão agora.
nem pros seus e-mails me pedindo desculpas pela traição, pelo beijo dado numa hora errada, pela maneira brusca com a qual você se despediu de mim.
seu perdão agora não é o primordial.
preciso me alimentar da paz que eu mesma crio e mentalizo. preciso me entregar a outras pessoas que passaram por mim e não me deixaram morrer. preciso recorrer aos deuses pra que me socorram destes momentos imprecisos que nascem entre um movimento e outro.

seu perdão pra mim não é o primordial.

sigo atenta, resistindo a todas as memórias que
você me deu:

> nas avenidas da cidade
> nos cafés
> nas livrarias

há um pouco de você em tudo que toco, mas tudo que toco é incerto e turvo.
seria você a parte amarga que se levanta comigo ao amanhecer?

sinto que se eu conceder meu mais precioso perdão a você agora, todo o resto não me fará sentido.

necessito de escrever, com o peito cheio de feridas e cicatrizes, de você abrindo um buraco na minha pele.
de você corroendo minha sanidade feito fel. de você abocanhando minha bondade com sua inércia e vontade de prender.

eu era um pássaro bonito e voante
até você chegar.

se eu te conceder meu perdão, temo não conseguir exorcizar minhas fúrias e agonias.

se eu te perdoar totalmente,
serei egoísta por nunca mais
me debruçar sobre você
sua pele
seu rosto metamórfico
suas mãos me escrevendo que sente minha falta

sinto que se eu honestamente te perdoar
você sairá de mim pra sempre
porque o único elo que nos mantém presos
um ao outro
no meio da cidade
você do outro lado
eu daqui

é a memória afetiva de quando o amor era quente
e hoje já não é.

por isso mesmo, não te perdoo.
quem sabe amanhã.

intimidade era poder sentir o mundo de maneira segura só porque você existia.

era me certificar de que seus poros estavam à espera dos meus em casamentos fictícios
de sonhos que, sabíamos, nunca se realizariam.

the night we met

intimidade era aquilo que existia quando você caía na minha frente e eu me ajoelhava pra te olhar nos olhos e depois de uns segundos rir e rir e rir até não nos aguentarmos mais.

era o amor sendo tranquilo em sua plenitude, forma, vontade de crescer. era o amor expandindo as paredes do quarto, reclamando mais espaço pra viver, ser visto, amadurecer. era aquilo que existia quando você punha uma música e eu silenciava, ruborizando aquele momento que era nosso, religiosamente nosso.

e você dirigia a cento e vinte quilômetros por hora pra eu ter a sensação de paz.

eu me sentia o charlie de as vantagens de ser invisível.

mas eu me sentia bem maior pois seu amor estava comigo. eu sentia que sim.
intimidade era aquilo que nos habitava quando você tirava minha blusa, depois a calça, por fim a cueca.

você deitava seu corpo frígido sobre o meu e me permitia sentir cada batida do seu peito.

havia dias cujo barulho era similar ao de uma escola de samba. noutros, silenciava silenciava silenciava.
nesses dias, mais pesados, eu sabia que entre mim e você poderia existir um *fim.*

intimidade era poder me desintegrar a pele enquanto as janelas do mundo se fechavam pra nós dois, enquanto estávamos suando um rio Jordão.

era o amor nos gaseificando
e nos tratando feito átomos.

intimidade era poder sentir o mundo de maneira segura só porque você existia. era me certificar de que seus poros estavam à espera dos meus em casamentos fictícios de sonhos que, sabíamos, nunca se realizariam.

intimidade era poder tirar da sua fome o meu sustento.
era poder te oferecer a minha carne mais pecaminosa e suja que mesmo assim você voltaria pra casa e sorriria ao me ver.

intimidade era poder correr contigo nas minhas costas enquanto andávamos pela avenida Paulista
e você sabia, eu sei que sim, que eu escreveria sobre aquilo.

você me dizia pra eu te soltar que cairíamos e todo mundo poderia rir da nossa queda mas você sabia que se caíssemos, teríamos o que contar pros nossos filhos.

intimidade era eu sentir a densidade do seu prazer sobre mim depois de uma noite de amor.
sexo não, amor.

aquele magma corporal pra mim era amor,
ou o ápice de um desejo enclausurado.

intimidade era saber de você, amianto
como quem sabe todas as orações pra todos
os deuses possíveis.

me era dada a benevolência de te saber.
você me dava esse direito enquanto
eu te dava esse direito.

eu sabia quando seu estômago estava desconfortável pelo hálito da sua boca. eu sentia o estresse dos seus dias através das falas árduas. eu sabia da sua tristeza quando já era hora de partir.

eu soube a hora que você quis partir.

intimidade era reconhecer que em meio a nós dois ruindo feito um prédio de oitenta e seis andares poderia existir, para além do amor, o afeto.

(e você olhava no fundo dos meus olhos, enquanto a queda ainda era engraçada e não dolorosa, e ria ria ria...)

de repente, a linha entre intimidade e estranheza se alarga e você o perde de vista nesse caminho chamado viver

my heart's been far from you

entre o milésimo de segundo que tomei a decisão mais importante da minha vida de 21 anos e o milésimo em que estávamos, ambos, separados pra sempre no universo.

depois de escolher cursar publicidade e propaganda, terminar contigo foi a decisão mais inesperada que tive.

entre o milésimo que culminou no término e o milésimo em que já éramos dois desconhecidos.

- deleta-se do facebook pra não saber mais
- deleta-se os amigos do facebook pra não
saber mais
- deleta-se fotos, mensagens, pedidos, formalidades: já não éramos um.
éramos dois, repartidos pelo término.

entre o milésimo em que surgiu entre minhas sinapses que era a gota d'água estar contigo e o milésimo de segundo que não estava dando mais porque você já estava desconfortável.
e eu desconfortável,
e tudo desconfortável.

entre os segundos que se passaram entre a nossa última conversa olho no olho e os próximos, quando eu já sabia que não poderia te ligar tarde da noite pra contar que minha vida estava uma merda e queria largar a
faculdade,
estado,
país.

eu sabia que a partir daquele momento não poderia mais te ligar para pedir "vem aqui me buscar em casa",
"vem aqui me carregar no colo e me levar pra um lugar distante".

só vem aqui.

existe uma linha crucial que separa o íntimo do ordinário. existe uma linha crucial que separa o momento em que existe o sexo e o momento em que não existe mais nada.

eu sabia que aquela quinta-feira era um ponto sobre a linha que havíamos construído: a partir dali, você não poderia chorar pra mim todas as vezes que se sentisse incapaz e impotente.

eu não poderia dançar com você enquanto o céu nos encobria e nos entregava estrelas.

o limiar entre a intimidade e a estranheza era o que mais me doía. até hoje não entendo o mundo e essas duas paralelas que se cruzam.

de repente, você já não sabe o tom da voz, o cheiro do pescoço, o paladar pra comidas peruanas.

de repente, ele já está entregue a outro corpo que não o seu. fazendo um sexo diferente daquele que vocês faziam.

de repente, a linha entre intimidade e estranheza se alarga e você o perde de vista nesse caminho chamado viver.

e você já não sabe mais nada sobre ele.
será que algum dia soube?

> o milésimo de segundo em que eu soube,
> veementemente,
> já não ser seu.

o milésimo de segundo em que eu descobri,
agonicamente, que você não era meu.

o milésimo de segundo em que descobri que, a partir daquela linha
limiar

e tênue noite,
não teria mais nada.
não teria eu acariciando sua pele.
você me engolindo com o olhar.
nós dois nos encontrando no olho do furacão.
a vida compartilhada.

eu soube, entre um milésimo e outro, que havia acabado.

de quando você pareceu uma criança, não um homem. porque nunca vi um homem chorar tanto na minha frente. porque igualmente chorei.

arte à marte

de quando eu era um museu na sua mente ou algo próximo a uma biblioteca. quando eu era um deus. quando tudo que existia tanto pra você quanto pra mim éramos nós. quando eu acordava e sabia que você existia e quando você acordava e se dava conta de que eu existia e podíamos existir ambos, juntos. a ideia de existir milhares de pessoas ao meu redor e eu escolher você e vice-versa. a ideia de escolher olhar nos seus olhos, pintar metáforas na sua pele, cheirar as juntas do seu corpo, tatuar minhas memórias nas suas costas, respirar o mesmo ar comprimido que você enquanto fazíamos amor. porque existiam outros, muitos, e tantos.

de quando você era pra mim algo como uma escultura renascentista ou um livro muito raro de um sebo no bairro da Liberdade. de quando você colocou na minha boca o gosto de ser amado e eu engoli a seco, sem água, pra tentar digerir o peso e a leveza de ter a pele coberta por alguém que eu escolhi, por alguém que meu coração, similarmente, escolheu. abraçou no meio da multidão. de alguém que eu segurei nos braços enquanto a cidade toda corria apressada pra se sustentar com seus prédios imensos, sua bolsa de valores e seu último-suspiro: era eu e você tentando fazer dar certo qualquer resquício do que tínhamos.

de quando eu segurei seu braço mais forte do que o usual e você chorou porque aquela situação entrava na sua pele como uma faca que vai rasgando o figo até ele dissolver. me doía muitas coisas também. seus olhos reabrindo as feridas do fim, eu tentando respirar com mais calma e afinco, a vida caindo sobre meus ombros e me pedindo estabilidade. de quando você pareceu uma criança, não um homem. porque nunca vi um homem chorar tanto na minha frente. porque igualmente chorei. de quando você correu pra tão longe de mim que deus perdeu o sinal de nossas vidas, as batidas da aorta, o centro do que havíamos construído.

a ideia de existirem milhares de pessoas e ainda assim você ser a primeira etapa do meu processo matinal: ele respira. eu, sendo a pessoa primeira no

seu processo matinal. tudo ao redor parecia menor porque nosso amor parecia grande demais, alto como o maior pico da pequena aventura de uma montanha-russa. eu sabia, em determinado momento, que a volta seria impiedosa e dolorida.

suas lágrimas me pedindo pra pararmos ali. sua boca dizendo o contrário, mesmo eu enxergando a contradição. está acabando, está acabando, tudo me dizia. os postes, os letreiros pela cidade, as ruas vazias, eu e você nos despindo da memória, do pensamento e da vontade de estar.

a ideia de ir perdendo alguém que você escolheu entre milhares. o fato que se transforma numa camiseta jogada no chão numa tarde muito quente dentro de um apartamento onde o sol queima queima queima e continua lá. você fecha a porta ao perceber a bagunça do quarto: não quer estar ali. e o não querer dá lugar a muita coisa que não será dita nesse processo de ir abandonando o primeiro pensamento, a ideia de escolher um entre tantos outros, o desejo de ficar comigo e só comigo quando todo o mundo pede outras coisas, sentimentos, sensações.

e você dá.

de quando eu era um caminho
não uma barreira.

porque você deitou em mim não só um
corpo, como também um peso,
um fardo.

lampejos de um fim triste

eu te coloquei no espaço entre mim e a porta do quarto.
entre mim e a porta que dava pro mundo. entre mim e tudo aquilo que me retia a luz, o brilho e a vontade de seguir, comprar pão, fazer amor.

você estava nos espaços, nos lugares públicos,
nos lugares privados, nos tribunais espalhados pela cidade, nos andares dos elevadores de todos os prédios comerciais, na sala de estar da casa da minha mãe, no meu peito oco, amargo e transeunte.

você estava no mercado, no açougue
e nas repartições públicas.

você estava no metrô da linha amarela
e no trem da linha azul que ainda é chamado de metrô por todo mundo e você também estava nas escadarias do mercado municipal no teatro nas óperas e nas livrarias.
você estava impregnado em mim.

sobretudo em mim
e em tudo que eu tocava,
via ou sentia.

você estava entre minha memória e a maneira como eu respirava. e estava similarmente nos carnavais, blocos de rua e bares da Augusta.

eu conseguia te enxergar nas latas de cerveja, no beijo que eu entregava a outras pessoas, na maneira ácida e crua com a qual eu me espalhava por outros corpos
tentando te esquecer.

tentando te esquecer eu estava.

e você estava em mim, comigo,

nadando no sangue das minhas veias.

biologia. evolução.

você estava na evolução de mim mesmo tentando encontrar uma casa, um caminho, qualquer coisa que me dispensasse de pensar tanto em você.

mas você permanecia no alto dos prédios.
nas faculdades particulares com seus alunos ricos e
nas faculdades públicas também com seus alunos ricos. e você estava nas lojas de conveniência, entre o palpitar do trânsito e os paralelepípedos que estão entregues aos pedestres.
às vezes carro. às vezes insolação.

você estava nas minhas conversas mais banais com os amigos mais distantes que eu nunca pensaria ter e estava na maneira singela com a qual eu abordava o fato de você ter entrado e saído da minha vida.

porque você sempre saía e eu te
procurava procurava procurava.

mas você havia escapado e ido embora de mim como aquelas chuvas de outono que começam e terminam no mesmo instante.

precipício. erosão.

você estava em tudo,
em tudo.

> na música que chegava aos meus ouvidos tarde da noite. no cheiro da blusa que esqueceu em casa quando nos despedimos e dissemos palavras gentis um ao outro. na calçada da rua vizinha à minha. onde seus pés pisaram pela última vez. nas ruas adjacentes, por onde seu carro me trazia da faculdade e me escondia do mundo. nos restaurantes fast-foods com suas comidas que dormirão semanas em nossos estômagos. nas bactérias e vírus que entraram em mim através de você, sua língua e suas feridas.

porque você deitou em mim não só um corpo.
como também um peso,
um fardo.

as discussões no trabalho. o estresse. o desânimo.

a ausência das coisas te doendo...

você deitou em mim sequelas do que éramos pelos quatro cinco e seis cantos dessa cidade.

no rosto de cada cara parecido com você que vejo por aí
nas pontes, nos rios, nos córregos, nas nascentes limpas dos córregos, nos museus e dentro dos museus e nas obras de arte que estão neles e na intuição e vontade de cada artista em criar sua arte.
nelas você também está.

e nos outdoors e nos letreiros,
e nos ladrilhos da zona oeste,
e na lonjura da zona sul,
nos morros do meu bairro.

e espalhado em todo lugar que meu corpo quis habitar nesse espaço entre mim e a vida.

mim e a vida.
mim e a vida.

seguir, por vezes, é abrir mão do que você carregou por muito tempo.
a crença na memória não é uma dádiva pra todos.
estica um pouco mais a pele porque outras pessoas virão.

sem-nome

não sou eu quem precisa conceder a você um aval de que está tudo bem entre nós e que agora podemos seguir. quem entrega esse aval, se é que ele existe, é o universo no tempo determinado. pode acontecer enquanto você corre no parque e se dá conta de que não dói mais, pode acontecer daqui a vinte anos, quando seu olhar ainda estará cansado por tanto martírio acumulado. o aval, o perdão e todas as outras palavras que usamos pra dissimular uma espécie de vitória acontecem naturalmente sem que precisem anunciar. acontecem internamente quando, no calor da rotina esmagando nossa vontade de viver, existe um espaço pra que o pensamento liberte todas as pontas que vez ou outra ainda insistem em aparecer pra deflagrar uma culpa. então, numa quinta-feira em que sua cabeça insistiu em doer mais do que nos outros dias, você vai tentar me recuperar dentro do seu âmago pra ver se encontra algo de que possa se lembrar e eu terei sumido. não a minha imagem, em si; mas tudo que ela carrega:
meu perfume perdeu o cheiro, as roupas perderam forma e volume, mudei de cidade.

este texto é pra te alertar que a gente segue independente de.

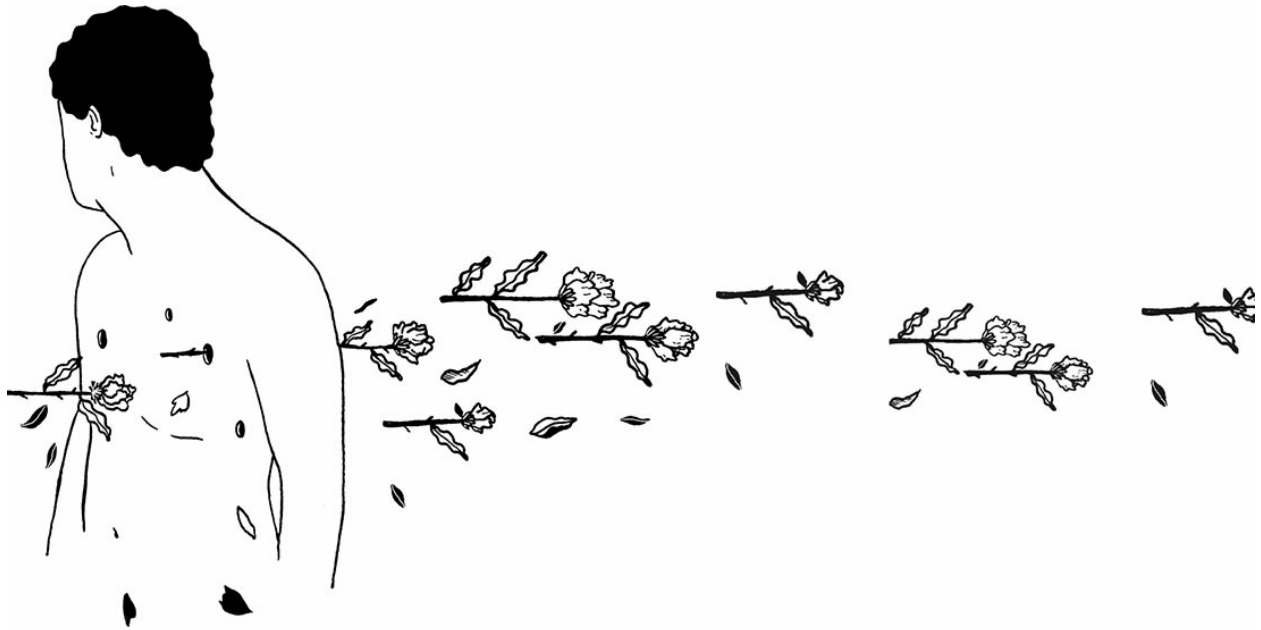
às vezes não porque queremos, mas porque precisamos. apreciar outras vistas, reescrever na pele outro nome, agora bom, agora gentil, agora melhor; compreender a si mesmo em um processo gradual de autoconhecimento e luz. você também vai tatuar outros amores nas costas. vai aprender que chá é melhor do que café. vai viajar pro interno de uma palavra que, comigo, desconhecia: honestidade. e vai se alimentar dela até entender que me esquecer esmurrando toda e

qualquer memória ruim de nós dois é apenas reiterar que eu ainda sou uma escola de samba na sua mente enquanto você busca, inutilmente, por permissões e avais de que deve seguir. seguir, por vezes, é abrir mão do que você carregou por muito tempo.

a crença na memória não é uma dádiva pra todos.

estica um pouco mais a pele porque outras pessoas virão.

quando toquei no seu braço e todo o mundo pareceu insignificante. você era um sol chegando pra desanuviar o céu carregado do Rio de Janeiro. meu coração quase parou, mas seguimos por caminhos diferentes. quem sabe um dia eles se encontrem.

ufrj

provavelmente você enxergou nos meus olhos a vontade de te arrastar pra um canto no meio daquela multidão de gente que bebia e dançava.

eu estava fascinado por você: toquei nos seus braços algumas vezes, deitei meu pescoço nos seus ombros, agradeci ao universo por ainda permitir que meu corpo reagisse com luz a pessoas como você. eu brilhava tentando entender, meio bêbado, que você estava ali, que era real.

alguns quilômetros de distância foram facilmente dissipados. os textos que escrevi pra você agora poderão ser escancaradamente ditos, olho no olho. a promessa de qualquer coisa entre a gente pode (e será que vai?) ser real.

eu só queria te contar que tive medo de encarar a realidade de que gostei de você no mesmo instante em que te vi. não sei como funciona pras outras pessoas, mas imediatamente quando vi você abrindo o sorriso em minha direção eu tive microterremotos, espasmos e adrenalinas. eu perdi a minha cabeça num ato de tentar assimilar sua presença ali, ao meu lado.

era noite, mais uma dessas festas juninas, os alunos com suas cervejas celebravam o final de semestre, o fim de um ciclo, as férias. e eu ali, entre meu desejo de tocar sua pele e a sua vontade de tentar qualquer coisa também.

no mesmo dia em que te vi pela primeira vez, voltei pra casa rezando pra deus e pedindo que todos aqueles sintomas e sinestesias tivessem sido fruto da minha imaginação fértil. eu rezava enquanto olhava a orla da praia e pedia "deus por favor não por favor não" pois era (e ainda é) aterrorizante começar a gostar de alguém.

porque você começa a captar o gesto, o movimento e o tempo entre uma mensagem e outra. é perturbador olhar a tela do celular, tentar compreender tantos espaços e silêncios, tentar traduzi-los.

na mesma noite, me perguntei se aqueles sentimentos eram reais a mim

mesmo e estabeleci diálogos. fui dormir mal comigo porque aquilo, ou isso, não poderia acontecer. eu não deveria ter permitido que você entrasse em mim como um feixe de luz. não assim.

na manhã seguinte em que te vi e nos dias seguintes, como hoje, ainda me pergunto como fui permitir o encanto. quando se apaixonar por alguém sempre me pareceu difícil e eu sempre fui resistente. mas com você... sei lá.

talvez seja o clima da cidade, o sol, a luz.
talvez seja você mesmo. seus olhos grandes e seu sorriso de quem acabou de ver o cristo redentor.

quando toquei no seu braço e todo o mundo pareceu insignificante. você era um sol chegando pra desanuviar o céu carregado do Rio de Janeiro.

meu coração quase parou, mas seguimos por caminhos diferentes. *quem sabe um dia eles se encontrem.*

foi o mar. ele entrou e viveu em mim. na ferida. no espaço deslocado de nós dois.

quando o mar entrou em mim

quando você chegar aqui, vai ver o mar. e você sempre odiou o mar. quando você vier pra cá, vai ver que o céu costuma beijar os prédios quase como uma mãe beija os filhos ao final da tarde. você nunca gostou muito de afeto. seus braços longe dos meus enquanto caminhávamos pela cidade dizia muito sobre nós. era uma propaganda de quem iria embora primeiro. por sorte, fui eu. mas você havia ido há muito tempo. estou voltando pra te dizer que ainda existe um tanto de palavras presas na garganta. quis gritar quando a onda acendeu meu pé. ela reluzia uma espécie de esperança. eu me senti lavada, de alma e de corpo. de você, do seu toque, de tudo que você jogou sobre mim e ficou. algumas coisas impregnaram na minha pele, você ainda franze a testa em teor de desaprovação? o mar daqui engole a gente, leva tudo. memória, rancor, carinho, até a membrana que costumamos costurar na própria pele pra não morrer sozinha e sufocada. precisei colocar você em alguns caminhos a fim de não me perder; é tão desolador o terror de assimilar-se desencontrada. mas existe o mar. e também o que há nele: infinitude, grandeza. me sinto abraçada, ainda que vazia pelo que existiu antes desse encontro. você olhando no fundo dos meus olhos e eu compreendendo o final daquele ciclo. eu, serena, tentando não me desmanchar enquanto o mundo explodia a agonia de não conseguir ser melhor. guardei minha essência pra derramar aqui, nesta parte da praia que faz sol e é bonito admirar. quando você vier aqui, um dia, vai se deparar com todos os meus pedaços estendidos pela orla. pedaços de remissão, quem sabe perdão. terei olhado a mim mesma com conforto e carinho. terei me permitido esmaecer e esmaecer tudo aquilo que construímos à beira do precipício que é se relacionar. nunca sabemos quando é entrega ou queda. quando é salvação ou segurança. você soube, em algum momento? eu não. só me recolhia a deus e perguntava se aquela sensação de ser amada era real. hoje percebo que a realidade está naquilo que toco, desmancho, consigo preencher. e o mar me preenche, me chama pra dançar, estica-se sobre mim e a ferida que suas mãos contorceram nos meus braços. percebo o quente da cidade me apertando e convidando pra sair. as montanhas se erguendo contra a poesia e descansando na minha história uma prece: obrigada, agradeço. porque quando você vier, se algum dia esta cidade

quiser te receber, eu estarei curada. foi o mar. ele entrou e viveu em mim. na ferida. no espaço deslocado de nós dois.

com minha fome de mundo, qual amor preenche a lacuna de viver se jogando em tudo que me requer êxtase, empatia e, sobretudo, coragem?

resignação

daqui pra frente, não sei o que vem. *sigo agarrada à minha própria luz pra tentar escapar da escuridão.*

às vezes amar não é suficiente e não importa.
com minha fome de mundo, qual amor preenche a lacuna de viver se jogando em tudo que
me requer êxtase, empatia e, sobretudo, coragem?

> se alguém ousasse colocar a mão no *big bang* que carrego em dias infernais banhados a 40 ºC. se alguém conseguisse segurar todo o desespero que existe na minha fala enquanto tento existir e soerguer meu corpo em discussões afiadas sobre política e relacionamentos.
>
> se alguém percebesse que, no breu dos dias, continuo desamparada e pequena, tentando não chorar por qualquer dor de gente que entra e sai de mim. daqui pra frente, não sei o que vem.

talvez a vida queimando ainda mais nos meus ombros.
os dias acordando apressados sobre a rotina mais desgastante que eu possa ter.

outra pessoa indo embora da minha visão; virando a esquina do abandono.

sigo agarrada, no entanto, a mim. que antes de todo mundo, esteve predestinada a conhecer a si própria pra resistir. sou fruto da minha própria solidão quando, compreendida no vazio que criei e estive, aprendi a aceitar. e vou aceitando todos espaços a mim destinados, o resto e o pouco. mas compenso em momentos particulares em que estendo as mãos aos céus, olho pro meu interior e estou em festa.

deus me visita, às vezes. conversa sorrateiramente comigo. expõe opiniões. contraponho, exclamo as minhas. estou aprendendo a expandir.

não sei o que virá.

ser sozinha é um fardo inadiável.

escrever em si pra conter o futuro tentando
arrancar as tripas, coração,
também.

se não tivéssemos repartido as memórias, cada qual com um gosto diferente sobre a mesma ótica, teríamos ido pra onde?

them

se nós não tivéssemos terminado naquele dia, meu estômago não teria crescido em tamanho, dor e magnitude. uma bactéria não teria decidido viver aqui dentro corroendo todas as memórias possíveis que circundaram aquilo que fomos durante um tempo-espaço.

eu teria continuado em São Paulo, escrevendo projetos e roteiros publicitários, jornalísticos e quem sabe, às sextas-feiras, ido à rua Augusta pra beber e destilar a dor da semana em copos de catuaba e cervejas que, mesmo achando caras, pagaria sem alarde algum.

teria assumido mais responsabilidades, cuidado melhor da minha gata, visto meus amigos e pedido perdão.

perdão por às vezes ser tão sensível que minha pele é capaz de desmanchar.

perdão por não saber colocar minha emoção em momentos específicos e focá-la em partes boas da vida.

se não tivéssemos seguido por caminhos distintos, eu estaria vivendo com você um romance que coube, por meses, em um carro pequeno. estaríamos contentes por reencenar cenas de filmes franceses a que assistíamos e amávamos; brigaríamos pelos mesmos assuntos corriqueiros como por qual razão aquele cara está olhando pra você; nos entupiríamos de fast-food e traríamos ainda mais problemas pros nossos intestinos, médicos e familiares.

talvez eu tivesse terminado contigo meses depois de abril. quem sabe julho? não duraríamos muito, eu sabia.

mas quem sabe durássemos?

a gente nunca pode tentar compreender o tempo e o que o amor é capaz de fazer dentro dessa caixa. o meu costumava socá-la pra tentar escapar e respirar melhor, não morrer afoito e esbaforido. o seu ficava dentro dela,

esperando a hora de correr.

fugimos um do outro. como adolescentes rebeldes e indecisos, expulsos pela ideologia dos próprios pais: covardes, não sabendo debater.

se não tivéssemos repartido as memórias, cada qual com um gosto diferente sobre a mesma ótica, teríamos ido pra onde?

você teria amado mais o meu corpo, sem me demandar melhoras. eu teria preferido um você mais autêntico, sem reservas e silêncios. teria pedido que falasse e se expressasse mais, teria olhado mais honestamente suas pálpebras, aorta, coração. colocado a mão fria no seu peito quente. falado que eu poderia ficar, se você quisesse.

se não tivéssemos nos ferido e magoado, onde estaríamos nós? estaríamos eu e você? talvez nos mesmos lugares premeditados. as mesmas culpas em meio às discussões. as mesmas falas, minha e sua, eu tentando não sucumbir à ideia de estar errado; você se sobrepondo a mim em abusos e ausências.

onde eu estaria se tivesse continuado com você?
o mesmo parque no centro da cidade. o mesmo discurso pacifista. a mesma lágrima rolando pelo rosto após um conflito. eu voltando pra casa, perguntando a deus por que eu, por quê. você, tácito e silente mediante ao amor ruindo. mas talvez, e só talvez, houvesse eu feliz e em paz. você igualmente feliz e em paz. seus amigos permitindo que eu entrasse no círculo social, imprimindo em mim qualquer sensação próxima a pertencimento. você, fazendo parte dos almoços de domingo lá em casa.

não sei, nunca saberemos. é o que mais dói, se eu ouso olhar pra trás. acontece com pouca frequência, já estive mais inclinado a pensar no porquê e a revisitar as cenas finais do que éramos. porém, o que fica e queima é não precisar como conseguiríamos seguir com aquilo que nos devastava e, ao mesmo tempo, nos unia. foi melhor que seguíssemos destinos contrários, machucados, no entanto inteiros. quem sabe infelizes, todavia certos de que não haveria outro fim senão aquele que construímos todos os dias antes de ceder.

e cedemos. ao fim.
que seu caminho seja tão longo quanto o meu.

não quero me arrastar sobre você e perceber que não consigo mais ir ao centro da sua pele, àquele novo caminho que descobri semana passada abrindo o zíper da sua calça e que me fez querer te amar
ainda mais.

lavanderia

como se o gosto da existência um do outro já tivesse sido provado o suficiente; como se não houvesse nada mais pra descobrir ou investigar; como se a presença já tivesse sido experimentada a ponto de não instigar, ainda que minimamente, um novo contato, modo ou vontade de seguir.

não quero ser como esses casais que vão à lavanderia e ficam impregnados em seus celulares, degustando o que de pior há na rotina: quando não existe mais nada pra descobrir um no outro, quando a vida esmaece a tal ponto que nenhuma vivacidade é resgatada. não quero me arrastar sobre você e perceber que não consigo mais ir ao centro da sua pele, àquele novo caminho que descobri semana passada abrindo o zíper da sua calça e que me fez querer te amar ainda mais.

esses casais que se consomem por não acreditarem no amor, mas que, mesmo assim, continuam juntos por etiqueta, convenção ou espiritualidade.
aqueles que continuam a procissão de ir à igreja, aos jantares de família, às festas de formatura e a todos os outros lugares como se lessem manuais de sobrevivência porque assim, e só assim, é que será dada a graça de permanecer.

quero poder me esticar sobre seu solo fértil e me infiltrar nos seus medos a fim de entendê-los.

sussurrar pra cada poro de cada pelo que você possui todas as vezes que me encontro desejoso por nós dois
que nossa colisão aconteceu no supermercado menos propício desta cidade e que deus recebeu nossos olhares como orações muito mais que sagradas, porque eram reais e honestas. porque coube a mim a intenção de mastigar cada verdade que você exalava e o mundo pesou uma pena à medida em que você me tocava e descobria.

não quero ser como esses casais que vão morrendo aos poucos, silenciosos em

suas dores particulares. quando o sono já não é tão bom e as farpas machucam mais do que facas. quando a luz do quarto alimenta um silêncio ensurdecedor e deus, como eles, parece não se atentar.
não quero permitir que o vazio enrosque o pescoço na distância entre mim e você, quando nenhuma literatura é capaz de salvar o marasmo da relação.

como se não houvesse mais nada a descobrir e o outro fosse um território ordinário, que afugenta os estrangeiros. como se a pele não pudesse render longos caminhos e a boca não chamasse por outros deuses, em outras horas, de maneiras distintas. como se o outro perdesse cor e não houvesse vontade de recuperá-la.

> quero não, ser como esses casais que se perdem nos dias e perdem também a vontade de colocar o pé nas costas, o medo sobre os ombros, as desilusões sobre as pálpebras, as conversas aterrorizantes sobre o fim em cima da mesa de forma clara e serena. quero não, perder você no meio da apatia suscitada pela falta de conhecer.

porque eu quero conhecer cada milímetro da sua existência que a mim não foi apresentada.

os cheiros que seu corpo ainda não produziu,
as feridas de outras vidas e relações,
o que machuca e incomoda,
e que não tem perdão.

a fala grunhida de dor por lembrar de um fato doloroso,
a espera da saudade cutucando o estômago.

quero conhecer tudo
pra que no fim, se ele existir
e resolver estar entre nós, eu possa me sentir realizado de ter abraçado tudo que poderia abraçar e tocado tudo que me vestiu os olhos com o calor de nós dois.

como suturar essa parte minha que ainda chama teu nome quando sei que você já até se esqueceu de como sussurrar o meu?

poros efervescentes

escrevendo na minha própria pele porque você não vai ler. seus olhos não alcançam o que é denso e clama imersão.

escrevendo, lento: gostei de você.

do cheiro, do toque, da maneira como você me deixou de quatro em todos os sentidos.

mas você não vai ler. então isso te torna comum e banal. mais um.

você me disse que havia sido bom o sexo.
eu não respondi nada pra que não percebesse que pra mim se tratava de algo próximo à redenção.

escrevendo na minha própria pele pra não chegar até você e querer descobrir seu gosto, seu real gosto.
quero ficar mentindo, aqui mesmo, na superfície.

você não pode me tocar de maneira mais profunda
e, se o fizer, que não saiba.

não por mim.
você nunca descobrirá a endorfina que sambou no meu peito assim que você bateu a porta do apartamento.
nem que chorei de raiva, tristeza, agonia, solitude e amor.

amor àquilo que construíra e foi despejado no instante em que você balbuciou *eu não quero nada sério* e eu emergi no próprio pensamento uma centena de traumas até então escondidos e colocados pra debaixo do tapete.

você não saberá, não pela minha boca, que gostei mais de você do que dos outros caras. que em mim você ardia mais do que ardiam os piores dias aos quais sobrevivi.

que você encaixou seu corpo no meu, mas o que eu esperava mesmo era que toda a fala, o verbo e a língua estivessem na mesma frequência cardíaca e humana.

estou escrevendo na própria pele pra não enlouquecer e não ir até sua casa pra gritar que você mexeu comigo como nenhuma outra pessoa seria capaz. que meu peito foi esmurrado pela sua gentileza de me tornar seu
como um bicho domesticado que não tem mais certeza de que viverá o mesmo dali pra frente.

eu sei que não serei o mesmo depois de você espirrar em mim seu nome, o sorriso, os pelos, as pálpebras,
as opiniões sobre música pop,
os desejos de sair do país,
os vídeos e os planos audiovisuais.

> a gente nunca é o mesmo depois que alguém nos apresenta uma visão de mundo que desperta a vontade de querer ser maior e não te perdoo por implantar isso, que é tão grande e vasto, em mim.

escrevo na minha própria pele
pra não te mandar ir à merda.

pra outra cidade, longe.
pra onde meus olhos não queiram esquadrinhar seus passos e minha visão não alcance seus
pés, pulmões, precipícios.

pra não te falar que sonhei que você me beijava a boca e me oferecia aconchego, ternura, amor.

amor que nunca tive, de ninguém.

não escrevo pra te cobrar o que não existe pra ser cobrado: pois você não me deseja igual ou como te desejo. porque deseja outros enquanto eu só espero por você. porque vai passar por mim transeunte e eu queria que você fosse como um cheiro que impregna no canto do cômodo e fica lá aguardando alguém inesperado pra fazer morada.

porque me dói não saber como desvencilhar minha vontade de você

e

da relação morna que, de agora em diante, teremos.
como olhar na sua cara depois de ter te visto nu?
e fingir que não somos nada mais do que bons amigos que se sentam próximos no banco da faculdade, que vão aos mesmos protestos unidos e politizados, que vão às festas em comum e partem rumo a novos caminhos?

como encaro a verdade de que a partir de agora somos estranhos, de novo, e que após a estranheza do descontato, precisamos seguir, ambos, costurados no mesmo universo entretanto distantes, longínquos e, pior, *alheios à presença um do outro*?

se um dia eu entrei em você e você entrou em mim e deus nos perdoou pelo desejo ali derramado?

como suturar essa parte minha que ainda chama teu nome quando sei que você já até se esqueceu de como sussurrar o meu?

escrevo na própria pele senão corro até você
e peço pra você ficar ainda que saiba da partida.

a intimidade é
um país distante.

foreigner/estrangeiro

eu descobri as espinhas nas suas costas,
o seu cheiro de quando você faz amor com alguém
e de repente o desejo vira o primeiro nome.

eu coloquei a língua no seu pescoço, experimentei de você fechando os olhos enquanto eu tentava te colocar ainda mais pra dentro.

> eu soube do seu cabelo que se esparramava pelo meu corpo e então descobri que você era diferente do que aparentava.

a intimidade é um país distante.

senti o hálito da sua boca gritando meu nome,
seus lábios esmiuçando reações que até então não imaginava ser possível.

você chamou por qualquer deus.

eu entendi a metáfora.
uma hora acabaria, como se eu fosse um material condutor de eletricidade que, inútil, já não tem mais serventia.

eu conheci as constelações do seu rosto.
o formato do seu nariz apontando algum caminho que ainda não sei qual, o gosto de quando uma língua encosta na outra e provoca erupção:

interna.
externa.
edema.

conheci suas mãos colocando pressão sobre meus ombros, clavícula, erudição, e dedilhei toda a sua fala na hora em que a intimidade estava entre nós partilhando um momento em comum:

como na matemática, intersecionamos nossos espaços vazios pra que tivéssemos um corpo inteiro.

você não percebia, mas eu estava fragmentado por todos os outros que haviam passado por mim sem conceber a ideia de que eu era capaz de fazê-los ficar.

no meio de nós tentando atingir o ápice daquilo que chamam de prazer e eu de convívio. eu percebi: você não estava na mesma frequência cardíaca que eu.

seu coração quase parava enquanto eu descobria novos caminhos pra chegar ao divino através de você.
descobri suas arestas,
mordisquei suas falhas,
abracei sua pele cor do Rio de Janeiro.

enrolei-me em tudo que você era:
trauma, medo, insegurança e solidão
quis estar ali. quis ficar ali.

descobri territórios distantes quando você sorriu
e quis morrer quando você foi embora. quando se bate
a porta e não se olha pra trás.

eu, forte na própria imaginação, pensava ter descoberto tudo sobre você, quase que como num movimento de tentar agarrar cada detalhe que vazasse pela crosta da sua existência.

e não me dei conta de que no meio de tanta aventura e desbravamentos, era você quem saía e entrava em mim.
desmontando minhas convicções, fazendo com que eu precisasse e quisesse ainda mais de você,
mesmo sem saber como
e por qual razão.

escrever é o ato, no entanto, mais corajoso que existe.

dos processos da escrita

escrever é um processo solitário.

olho pra mim mesmo com aspereza e tiro o que de pior há sobre a maneira como permito escorrer.

nas relações afetivas ou amorosas,
no cotidiano brusco e na queda fatal.

debruçar-se nos fatos, tarde da noite, virou rotina.
já não durmo como antes, não sei se algum dia dormi.

não lembro da paz invadindo meus brônquios.

semana passada outra crise de ansiedade deitou nos meus ombros. choro copiosamente por pessoas que nem existem, porque eu as inventei no meu imaginário social.

escrever, ainda que sobre alguém,
é o processo mais doloroso que existe.
a cabeça pesa e flutua.

às vezes não tem força divina que te resgate
e você ainda acha que é salvação estraçalhar a goela gritando pra dentro uma solidão que é sua
mas faz os outros tentarem — e só tentarem — te compreender.

escrever é o ato, no entanto, mais corajoso que existe. você coloca uma arma contra a própria cabeça e às vezes dispara. a arma pode ser sua própria desesperança nas coisas. a fé ruindo feito qualquer prédio antigo do centro da cidade.
a saudade de alguém que nunca esteve. e mesmo assim você escreve porque é o que te parece mais natural e inviolável, afinal, ninguém colocaria todos os edemas nas folhas

de papel como você.

olho pra mim tentando não capturar os centímetros da sua pele que ficou no sofá.

o fogo da solidão começa a arder as pernas, ombros, por fim o peito.

contenho-me pra não parecer desesperado ou ansioso.
falho na minha própria fuga de adulterar memórias pra que eu não consiga senti-las, mas eu ainda sinto os olhos arderem, a respiração tremular, o oco do mundo me atravessando a nuca, a solidez.

que escrever é como despir a parte mais honesta
e frágil de si próprio pra que os outros, com a frieza de dois ursos, comecem a interpretar
o ser humano.

será que sou?
às vezes não tem força divina que me resgate.

pra você não se esquecer de sentir

— Você lavou as mãos antes de sair do banheiro?

— Lavei. — E em um gesto rápido se virou para o outro lado.

Tinha mentido. Mas parecia adequado mentir nessas circunstâncias. Ele não tocaria nela, ela não tocaria nele,
nenhuma infecção é mais forte do que a ausência de amor.

Jessica Ferreira

não existe culpa se teu amor é transcendental
e acaba ultrapassando a pele, o couro, a dicção.

coisas que nós não dissemos no jantar

não existe culpa sobre ombros que tentaram
sobre amores que não deram certo[*] por causa das circunstâncias — e são muitas — da vida
sobre pessoas que estão à procura de paz.

não existe culpa na partida daquele que você amava demais, tanto que era capaz de desintegrar feito os átomos ainda não descobertos dentro do universo da física.

não existe culpa porque culpa é algo pesado e você é leve, incrível e merece carregar sentimentos bons, mansos e amenos.

sua alma não foi feita pra nadar perdida nesse mar sombrio, não.

ela foi feita pra voar e ser livre
visitar países. adentar territórios.
descobrir e ser descoberta.

---

* *mas, afinal, o que é dar certo? isso é você quem diz.* **[««]**

não existe culpa se teu amor é transcendental e acaba ultrapassando a pele, o couro, a dicção. se teu amor invade tudo e todos sem pedir licença. se teu amor abraça pessoas sem fé. se teu amor furta sorrisos. se teu amor rouba espaços milimétricos na cama.
não há culpa se o amor acabar numa terça-feira doentia do mês de janeiro.

não haverá culpa se, ao sentar-se na mesa pra tomar café, você perceber que não existe mais a energia que os circuncidava. você vai respirar fundo, tomar seu café, fazer as malas, chorar aturdida pela ideia da separação, limpar o rosto com as costas das mãos, sair apressada
de casa, evaporar.

> a culpa não recairá sobre seus ombros na quarta-feira seguinte.
> os cometas não se chocarão com a terra.
> tá tudo bem.

não existe culpa sobre aqueles que fogem de seus países.
os que se rebelam contra medidas pequenas de amores pequenos.

os que se perdem tentando encontrar alguma luz no
final do túnel.

porque você achou uma salvação, mas há pessoas que ainda vivem carregadas pela ideia de se abrigar em qualquer espaço e lugar.

porque o amor existe pra te provar
que seu sistema não falhou.

um pé de cerejeira no meio do planeta Terra

você merece alguém bom na sua vida.
alguém que te tire de órbita.
alguém que te colha manso e necessário como os chineses fazem com plantações de bambus em lugares muito exímios do interior.

atentos, eles colocam as mãos na esperança de que a espera e o cuidado lhes renderão frutos. você merece uma primavera te tirando pra dançar. uma estação que te tome pelos braços esguios e te apronte pra dança matinal e cotidiana dos que querem e precisam tanto ser feliz. porque você precisa.

há tanto tempo você ficou preso e se estagnou no passado. você merece cair em braços acolhedores que não se importariam de procurar pedrinhas preciosas no lodo do mundo.

porque você merece alguém desregrando a procura e te amando na espera. quando o relógio falha por um milagre divino pois o tempo é pouco e os corpos, em atrito, permanecem no mesmo espaço e há amor.

você merece o amor invadindo cada poro de cada pelo de cada parte do seu corpo cheio de vida. pois você é um sistema que precisa e deve ser contemplado com o peito acelerado às três da manhã de uma segunda-feira primeira do ano. porque todos os outros, aturdidos pela ideia da ordinariedade, não carregam o que você carrega. pois você é um sistema que precisa e deve ser contemplado com a ideia do amor às sextas-feiras e aos sábados de cada semana de cada mês. e você merece sentir calafrio ao ligar, ouvir a voz, apertar o braço, cheirar o cangote [como as águas de itaipu, que beijam as bacias sedimentares e formatam um espetáculo geográfico tão incrível que], misturar as línguas molhadas e cheias de tesão, evaporar.

você merece evaporar como as últimas gotículas de uma saudade pressionada contra o pescoço de quem se ama muito. pois você é quem pressiona o amor contra o pescoço de quem ama.

(quando eu senti sua pele na minha eu quis evaporar e provar à ciência que era possível duas pessoas destituírem suas células porque elas quiseram ultrapassar o gene pra se encontrar).

você merece ser recebido de braços abertos como uma mãe espera o filho na rodoviária. abraços apertados, lágrima poente no canto do olho, restauração. você merece alguém que não te puna por ser tão comovido com o rasgar-se e remendar-se da vida cotidiana. você merece a si, comovido com o rasgar-se e remendar-se da vida.

você merece alguém bom porque você é bom.
não é uma equação matemática resoluta, me deixa explicar: ele vai entrar na sua vida, modificar seus dias, arrastar seus olhos pra partes do corpo dele que até então você desconhecia, vai te fazer querer voltar correndo do expediente porque a volta é deliciosa, expectante.

como cerejeiras que promovem visões extraordinárias no Japão, você vai ser fisgado por alguém que olhou muito distraidamente a dança dos ventos sobre os galhos e sobre o mundo. esse alguém fará de você um concerto do lago dos cisnes em plena avenida movimentada enquanto o café é preparado num domingo de fevereiro.

você merecerá esse alguém bom porque o carnaval já não será o mesmo.

> *as festas de fim de ano;*
> *os contratos sociais;*
> *as falhas humanas e outrora tão questionadas.*

alguém bom pra alguém igualmente bom.
porque o amor dá em pé de árvore.
pois seu peito é uma macieira no inverno mais gelado do planeta.

porque o amor existe pra te provar que seu sistema não falhou.

esteja preparada pra si mesma e pro tamanho do universo que habita em você.
por vezes ele explode e escapa.

e faz vítimas.
ou melhor: humanos.

o coração do mundo é um buraco negro

é justo que por vezes você fuja do terror do mundo
porque ele é mau.
é justo que por vezes você se preserve em si mesmo porque nenhuma outra pessoa te resguardará tão bem como você.

porque você precisa de paz e paz talvez seja só você em silêncio com você.

é justo que você vá embora se há dor. existe dor maior do que a dor da insistência? é injusto com você e com o outro. *abre caminho, vai descansar.*
é justo que você não queira sair da cama porque a vida é violenta. e é justo com si mesma não insistir, não resistir, não enfrentar, não confrontar.
é justo o silêncio.
é justo o desnudar-se e o jogar-se no mar.
é justo colocar a mão no próprio peito e desistir.
por vezes, é justo.

por vezes, você vai precisar de momentos específicos pra que isso ocorra. talvez aconteça com mais frequência do que você esperava. talvez aconteça menos. mas esteja preparada. sempre.

esteja preparada pra si mesma e pro tamanho
do universo que habita em você.
por vezes ele explode e escapa.

e faz vítimas.

ou melhor:
humanos.

eu tenho medo de enlouquecer, e você?

do lado de lá da praia

tenho um amigo muito próximo que esteve à beira de se suicidar semana passada.

ele tomou uns remédios num dia aleatório e silente — talvez fosse quarta-feira — e ninguém notaria sua partida.

as partidas acontecem em tantos dias, em tantos lugares. Mumbai, Cidade do México, Rio de Janeiro.

algumas pessoas, não aguentando a pressão do mundo externo, congelam a própria mente e se anestesiam à procura de escaparem disso que chamam de vida-nos-cantos. tais pessoas se concentram em ações muito simplórias pra seguir: escovar os dentes, levantar da cama, caminhar na rua.

micromovimentos que garantem a elas a possibilidade de seguir em frente em detrimento de uma enxurrada
de opções que não deram certo, caminhos errados e portas que se fecharam.

o amor, que passou por elas e escoou pela vala mais próxima; o emprego dos sonhos que, por muito pouco, não vingou; os amigos que foram parar em *bad trips* e nunca mais voltaram.

algumas coisas nunca voltam.

algumas pessoas, não sabendo como congelar a mente e apenas se automedicar com doses de anestesia, continuam como se nada estivesse acontecendo.

elas estancam a própria pele com ainda mais trabalho, saídas aos finais de semana, descontos em sites de compra coletiva, salas de estética e relacionamentos abusivos. elas pifam, mas continuam de pé, certeiras na própria agonia de ir à guerra e saber que, em algum momento, vão morrer.

e todos vão.

essas pessoas, no entanto, permanecem intactas no
se descobrir doentes e infelizes.

fingem gargalhadas no fim do expediente, navegam nas salas de bate-papo à procura de um outro corpo que lhe dê a sensação quente de pertencimento, fogem do peso da vida esticando a pele e se desdobrando em mil — não gostam e não querem colocar a língua no ácido da vida.

preferem, pelo contrário, ir à missa aos domingos, discutir política veementemente com outros que não dão a mínima, vaporizar.

algumas outras pessoas, não sendo nem um nem outro, se vão em dias abafados e cheios de tédio. estas foram as que venceram a barreira da sanidade e passaram a barreira do quase.

elas enlouqueceram porque viram demais e beberam demais de coisas, processos, momentos, ciclos.

se embebedaram não dos livros de literatura clássica, mas da visão cotidiana do podre que quase ninguém vê.

há pessoas que, não sabendo como existir sem doer, correm uma maratona toda pra fugir do barulho que vem de fora. deitam-se em redomas diárias, protegem-se das falas superficiais, temem tudo e todos: o mundo
é perigoso demais quando se olha com profundidade.

eu tenho medo de enlouquecer,
e você?

depois desse episódio com meu amigo, passei a reconsiderar que a vida se mostra distinta pra cada
um de nós.

quando olhamos pro céu, há mentes que constroem países em guerra com as nuvens, mas há também os que não veem nada, só uma mistura bonita de

cores. e não há nada de errado com os que decidiram ficar

observando na areia da praia aqueles que se vão pro mar, pro viver efervescente do sentir imenso, aqueles que abriram mão de se anestesiarem porque temiam nunca mais voltar à realidade, aqueles que seguem, como se não houvesse nada mais.

eu estou do lado de lá.
meu amigo passa bem.

nem toda estrada
tem via de mão dupla
e eu não volto.
você também não.

sem título I

saudade dos discursos que não fizemos e das vezes em que fomos às ruas protestar pelo direito de amar.

saudade de um futuro que abraçava nossos corpos e pedia pra que ficássemos atentos aos que podiam nos ferir — e tantos podem.

saudade de poder te trazer em casa os leites desnatados, as broas de milho, os livros de Clarice Lispector, as mágoas, os rins alcoolizados, as teorias sobre como o tempo está passando mais rápido.

saudade das crianças cirandando entre nossas pernas. Tarcísio, Sofia, Pedro, Petra. saudade das discussões e das brigas que nos levariam a cômodos diferentes e a pensamentos reconciliadores porque nos amaríamos tanto que o perdão seria uma resposta rápida a todas as fases ruins pelas quais passaríamos.

saudade de te empurrar nos carrinhos dos supermercados e de ouvir sua voz grunhindo e me pedindo pra ficar. saudade de tudo que não viveremos pelas escolhas e caminhos da vida.

nem toda estrada tem via de mão dupla e eu não volto.
você também não.

saudade das palavras que não diremos um ao outro. daquilo que adormeceu no lado direito do peito e permanece lá — quente e manso como um animal deitado no colo de sua mãe. saudade de todos os planos escritos em blocos de notas, de todas as viagens que não faremos [Peru ou Arábia Saudita? interior de Goiás ou Belém do Pará?], de todos os vazios que ficam depois de uma intensa troca de farpas sobre insegurança e imaturidade.

saudade das ruas pelas quais passarei e não serão mais nossas e sim minhas. porque com os fins vem o término das conjugações no plural: tudo vira um, singular, angular. saudade de tudo que seria nossa propriedade caso o mundo

não tivesse proposto caminhos distintos pra pessoas distintas dentro do viver.

saudade dos silêncios que nunca faremos pelo medo de errar. saudade de todas as maneiras que nunca terei de te pedir perdão e de todas as maneiras de você tentar explicar por que o sol é uma estrela que queima.

> *a metáfora é que quanto mais luz, mais dor. você era um raio solar em pleno meio-dia em horário de verão.*

> > é por isso que não estamos mais juntos? diz que sim.
> >
> > saudade da cena que nunca protagonizaremos: no meio da cidade grande, em meio à maldade do mundo, eu e você deitados no chão pedindo pelo direito de amar quem quiser.
> >
> > mas a volta pra casa pós-protesto nunca será sobre nós. hoje voltei sozinho. amanhã também.

você se lembra de como seu coração parou por alguns milésimos de segundos e toda a insegurança veio abaixo pois tudo era tão intenso e maior?

uma memória sobre a cômoda

eu quero que você lembre daquela vez que sentiu tanto amor que o peito parecia explodir.

eu quero que você recupere esse momento-lembrança e traga-o pra cá, pro agora.

agora o coloca sobre a mesa.

olha bem pra ele, com calma.

o que você vê?

e naquele dia que você encontrou com o perdão na esquina de casa, que seu coração quase amoleceu porque finalmente entendeu o porquê de algumas coisas acontecerem. você se lembra?

recupera esse dia e guarda de novo no coração.
força sua lembrança mais bonita sobre o dia em que, de fato, você abraçou o perdão e o trouxe pra casa.

e o dia em que você encontrou o amor personificado em outra pessoa?

você se lembra de como seu coração parou por alguns milésimos de segundos e toda a insegurança veio abaixo pois tudo era tão intenso e maior?

suas penas tremularam.
seu sangue correu feito água.
sua pele suava um oceano todo.

pega esse momento e traz pra cá, por favor.

se esforça pra lembrar dessas sensações porque elas são tudo que você tem e que você é.

você se lembra daquele dia em que provou do sabor da palavra amizade, o que ela verdadeiramente significou pra você? porque você encontrou sua mãe chorando no quarto e o abraço de vocês salvou gerações futuras de crescerem desamparadas disso que chamam família.vocês se reencontraram e encontraram um significado pra tudo isso.

recupera essa lembrança.

coloca numa cômoda.
na parede da sala.
pendura-a num colar com você.
pra você nunca esquecer do que te formou,
pra você sempre se lembrar de ser generosa, intempestiva na própria felicidade, livre

> *aquela vez em que você ousou colocar pra fora*
> *tudo que te feria e a partir dali a vida se tornou*
> *mais compreensiva e o mundo menos mau*
> *você se lembra?*

resgata essa parte do caminho e a coloque de novo à
sua frente.

todas as partes importantes daquilo que somos e que se perde.
todas as partes importantes daquilo que somos e por vezes descarrilha no caminho.
todas as partes importantes daquilo que somos mas que por vezes é borrado por sujeiras mundanas.

porque tudo que foi afetivo e te afetou é parte integrante de você.
do seu corpo.
do seu cérebro e seus milhares de neurônios.

que agora voltam e resgatam cada frase que permitiu leveza,
sobriedade,
paz.

você se lembra de algum dia estar tão em paz que seu corpo distribuía cargas de energia positiva?

pega esse momento e conta sobre ele pra si mesma.

porque eu sou boa

porque eu acredito que você seja boa.
porque virão dias ruins.

mas seu corpo são suas memórias dançando tango argentino numa pista de gelo em pleno central park.
no meio da avenida mais quente do país.
no meio do seu peito que felizmente sobreviveu
e está aqui.

meu gostar dele tomou formas arquitetônicas quando o vi transitando dentro da minha memória entre um pensamento e outro. eu lavava a louça e lá estava ele, sorrindo gigante dentro dos meus olhos cor de mundo.

ana

meu amor platônico surgiu de uma esperança que tenho na cidade maravilhosa.

acidentalmente se tornou platônico porque a geografia nos pariu em cidades distintas.

ele, 24.
eu, 22.

meu gostar dele tomou formas arquitetônicas quando o vi transitando dentro da minha memória entre um pensamento e outro. eu lavava a louça e lá estava ele, sorrindo gigante dentro dos meus olhos cor de mundo.
meu gostar dele tomou dimensões asiáticas porque ele acariciava minha saudade e dizia que em algum momento próximo estaríamos juntos vendo aquele céu do arpoador.

a cidade de São Paulo acaba com a gente, disse a ele.
ele ria, porque não sabia do vazio existencial que os cafés no expediente me traziam.

tudo é tão grande e macio quando falamos
sobre partir e chegar.

ele chegou pra mim num momento turvo, quando tanta gente apressada esmagou minha esperança em gostar de alguém.

acho preguiçoso tentar gostar.

mas ele me tirou da cama, colocou os chinelos perto de onde eu dormia, me preparou o café.

ele me abriu as janelas e os sorrisos, me fez apreciar a companhia da luz entrando e me desejando vivacidade.

ele chegou e eu quis pegar o primeiro voo pro Rio de Janeiro, dizer que o gosto era bom, que a adrenalina que me queimava nascia nos olhos dele, que a vida não seria justa enquanto eu não chegasse perto do arfar, de quando o beijo é muito quente e o respirar faz cócegas na memória.

amor platônico que aparece quase nunca, que nunca havia existido até ele materializar o conceito de distância.

antes da geografia nos empurrar pra fora do
lugar-conforto.

e nos pôr no lugar-confronto,
quando nossas certezas são cerradas pela ideia do amor ferindo a vista, o ângulo, a parte aturdida e escondida em que depositamos todas as nossas sobras e restos que ficaram das desilusões

> **de você, não escondo nada.**
> **nem meu amor pelo Rio,**
> **nem meu amor pelo que você transbordou**
> **em mim e é gigante.**
>
> **agradeço por ambos.**

relações são sobre distinções que decidiram coexistir.

recipro cidades

a reciprocidade é um vício.

eu te amei na noite passada mesmo sabendo que você não me amava na mesma intensidade.

ou melhor, não sei se você me ama na mesma proporção. e isso me importa em qual momento?
em qual momento eu coloco uma balança nisso que chamo de relação e começo a medir trocas por meio do amor?

semana passada você me fez um misto-quente em plena quarta-feira de sol com um sorriso lindo e por um momento eu me entristeci pois pensei que nunca havia feito nada parecido.

o ato, em si, não pedia reciprocidade.
ou melhor: o que era recíproco, ali,
era minha vontade de estar.

por vezes, reciprocidade tem a ver com disposição.

"eu estou disposto a ir fundo nisso? a estar aqui? a dar o meu melhor?"

uma vez eu ouvi que "tudo bem você não concordar com tudo aquilo que eu te dou. mas se eu dou meu melhor, pelo menos isso espero que você reconheça".

o problema é que você dá e espera que te deem da mesma maneira. mas você não é diferente dele?

ele gosta de melancia. você detesta melancia.

você nunca viajou pra fora do estado.
ele já aprendeu quatro idiomas.

percebe?

relações são sobre distinções que decidiram coexistir.

reciprocidade tem a ver com o quanto você está disposto a entender que alguns dias serão mais amenos do que outros.

que alguns movimentos te trarão frustração porque não sairão como você espera,
mas que, caramba,
é preciso saber lidar.

se você não lida, a insegurança aumenta. e tudo, consequentemente, vira motivo pra querer cair fora.
reciprocidade é uma balança.
você entregará mais presença em determinados dias.
ele te doará mais carinho e temperança em outros.

> *em alguns dias, ela vai querer estar sozinha no*
> *quarto onde vocês dois compunham discussões*
> *sobre as próximas férias. noutros, ela vai querer*
> *dormir no seu pescoço e fará uma rede entre*
> *uma orelha e outra.*

reciprocidade é isto: você saber que ele tem se esforçado e tem entregado o que pode.

se é insuficiente, você também pode abdicar e dizer que não serve.

mas, caramba, não é bom tentar?
às vezes é sim.

reciprocidade é energia.
é a mão em cima da outra. é o olho confortável dentro do olho do outro. não menos que isso.

menos que isso não queira.

mas também não dê amor já esperando recebê-lo de volta na mesma intensidade, tempo e espaço.

pode acontecer depois, pode acontecer amanhã, pode acontecer semana que vem.

quem sabe na semana que vem eu não faça um café da manhã também? não por obrigação ou peso na consciência ou porque estou atolado no conceito de reciprocidade. mas porque decidi ficar e é bom estar com você.

porque você se entrega pra mim diariamente e eu também. porque eu prefiro literatura russa e você alemã. porque suas músicas não tocariam numa playlist minha
e, mesmo assim, conseguimos depositar-nos um sobre o outro quando todo o mundo faz questão de partir e abandonar.

> *reciprocidade é sobre entender demandas, mas*
> *entender que o amor preenche tudo, no seu tempo*
> *— e enquanto seres humanos diferentes, a seu modo.*

o grande amor da sua vida pode dizer pra você
que o amor acabou enquanto vocês jantam numa quarta-feira. ele te olhará com olhos marejados, pegará nas suas mãos, pedirá perdão. talvez você entenda, daqui uns anos, que amor também é esta parte incompreendida que resta entre duas pessoas.

bem-vindo, outono

que no amor também caiba a variedade de permitir que o outro vá embora.

o grande amor da sua vida pode ir embora num domingo chuvoso ou no primeiro dia do outono.

o frio virá pra presenciar o desafeto de vê-lo bater a porta do apartamento, pegar as malas com as coisas — do relógio à cerâmica, dos livros às fotografias de vocês dois juntos.

o grande amor da sua vida pode nem voltar no dia seguinte. pode dizer que vai à padaria e, dali pra frente, não haverá mais nada. o vácuo embalando a solidão e o buraco que restou entre os dois. ele mandará um e-mail, depois de uns dias, se desculpando porque "não conseguiria se despedir pra não ser pior".

alguns dos amores que você encontrará por aí serão covardes e você precisa lidar com isso — não com ele em si, mas consigo próprio

sair pra respirar e desprender memórias
tentar conhecer outros caminhos, como novas
padarias, livrarias, terapeutas, livros e doces
tentar recuperar aquela parte sua perdida
entre tantas vezes em que os planos foram
maiores do que a realidade dura da vida

o grande amor da sua vida pode dizer pra você que o amor acabou enquanto vocês jantam numa quarta-feira.

ele te olhará com olhos marejados, pegará nas suas mãos, pedirá perdão.

talvez você entenda, daqui uns anos, que amor também é essa parte incompreendida que resta entre duas pessoas quando a chama do relacionamento já está apagada. talvez daqui a uns anos você perceba que

todo o espaço que existe entre dois seres humanos é um atestado de que o amor já não consegue mais
se espreguiçar.

o grande amor da sua vida pode desaparecer enquanto vocês falam de honestidade e compaixão. de repente, você olhará pra ele enquanto embalam os cartões postais e descobrirá que aquilo já não faz sentido.

sentados no chão, o abraço vai conspirar pra que ambos saiam da relação limpos e sem arestas.
o grande amor da sua vida pode ser o grande amor da vida de outra pessoa três dias depois de vocês terminarem as conexões. você o verá com outra pessoa caminhando pela rua e, infelizmente, voltará pra casa desacreditado do amor.

algumas pessoas têm a estranha mania de nunca
se contentarem em permanecer sozinhas,
degustando o gosto do fim.

o grande amor da sua vida poderá, amanhã mesmo,
não ser o grande amor da sua vida.

todas as suas certezas sobre o amor poderão ser contestadas enquanto você escreve um e-mail dizendo sobre o quão doloroso foi o processo de desconectar-se.

ficam as memórias impregnadas nas salas, quartos, membranas do organismo.
às vezes na casa dos amigos.

até nos lugares em que costumavam ir,
seja pra tomar café ou fazer amor.

o grande amor da sua vida poderá te ferir de maneira tão profunda que os cortes demorarão até serem suturados. até lá, você vai se agachar algumas vezes no seu quarto enquanto chora e pragueja todas as relações do mundo.

o grande amor da sua vida poderá destruir todas as suas teorias sobre o amor: da filosofia aristotélica às invenções pós-modernas, ele vai contribuir pra que sua
fé nas relações seja triturada pela metáfora do abandono.
porque ele terá te abandonado em plena semana em que o outono decidiu renascer.

porque ele terá te abandonado quando você menos esperava — e quando é que a gente espera alguém indo embora da gente?

porque ele terá abandonado todas as suas vitórias, conquistas, vontades de viajar, livros, teorias sobre sexo e religião, filhos e planos de se casar.
porque você se perceberá sozinho quando a cidade esfria e todo mundo parece menos apto a amar.
você ainda vai descobrir que grandes amores de nossas vidas tendem a escapulir por vezes. quase sempre.

seja muito bem-vindo,
outono.

com a sensibilidade de quem come um
dragão e implode.

listas pra quando você for ao mercado

1. guardei você numa memória mansa depois de muitos meses desejando que um poste caísse na sua cabeça. eu sei, terrível demais pra quem compartilhou uma existência, tocou uma pele, escreveu textos e textos dizendo do amor. depois de um tempo, a mágoa foi embora de mim e eu me permiti sentir você de maneira menos áspera, menos dolosa, menos falha. hoje, não desejo que postes caiam, mas sim que paz e esperança atravessem seu caminho.

2. quando escolhi amar você — sim, eu escolhi —, sabia previamente que poderia me machucar. estou revisitando essa memória de agora pois preciso me certificar de que sua vida tem caminhado, que seus passeios tomaram outros rumos, que seus planos já fazem parte de um memorial com outra pessoa. eu sei, acontece. daqui a uns anos você vai olhar pra mim e eu serei uma miragem que desponta no seu cérebro e te lembra do quão orgulhoso você foi, fomos.

eu sempre gostei muito de você, de meses atrás até os dias conflituosos de hoje.

3. o mundo está vazio de pessoas que se preocupam umas com as outras. é tudo tão triste e incolor. confesso que depois de você poucas pessoas se dispuseram a colocar a mão na minha alma de maneira densa, quando no outro dia a memória é refrescante e a vontade de seguir é contínua. hoje, tento me distanciar de tudo que parece empobrecido, superficial e efêmero. quero, antes disso, alguém com quem eu possa contar sem me preocupar se na semana seguinte, havendo a quebra, a mágoa falará mais alto. alguém que seja tão bom em se permitir o choque que, sabendo da entrega, não me questione por qual razão sou tão intenso.

4. nesta vida, você encontrará poucas pessoas hipersensíveis. eu fui a primeira que apareceu no seu caminho e você não soube lidar, me afastando por completo de todas as tentativas de felicidade. talvez, outras venham e te mostrem que ser sensível à vida é uma dádiva, um presente do universo.

pessoas que abraçam todas as vertigens do mundo existem pra compensar toda a outra parte que é apressada e hostil. depois de mim, se questione e tente não afastar quem decide, prontamente, te conceder uma espécie de amor denso.

5. passei muito dos meus dias me questionando se eu estava errado por sentir demais: da pressão social em ter um emprego à maneira como me vestir. falava pra terapeuta se essa minha consciência de mundo talvez tivesse me afastado da sanidade, quando, na verdade, eu deveria questionar os porquês dos outros não serem assim. as pessoas tendem a passar pela vida sem se permitirem queimar: a pele, a membrana do coração, a memória — que ama e faz o outro existir.

6. minha memória por você é indissolúvel.
não desvencilho de mim todas as vezes em que era e estive feliz ao teu lado. com a sensibilidade de quem come um dragão e implode. com o desejo de quem quer salvar o mundo mas não consegue sequer levantar da cama em dias ociosos. com a força de quem ama frementemente todas as palavras porque elas são as únicas que abraçam e me fazem levitar.

7. resguardo você num lugar bom, sem mágoa. o outono desfolha tudo que nasce e renasce, como meu peito, cheio de raízes e folhas secas.

"permita que ele vá ao
mais longe de você pra que você esteja o
mais próximo de si."

resíduos da sua luz dançando no escuro

tem um baile na cidade e eu vou sozinho.

quando tinha 18, sonhava em dançar com você
uma música que até então era só nossa.

mas aí veio a vida, o mundo, as catástrofes, a vontade de correr, ir embora. vieram outras pessoas, com outras histórias, com outras vontades de correr.

tem um baile na cidade e eu não fui convidado.
você levará seu novo amor agora. eu sei. fiquei sabendo através dos postes, que me disseram que você seguiu.

as pessoas seguem, eu sei eu sei.
elas compram casas novas, apartamentos mobiliados, iogurtes e margarinas na promoção. as pessoas seguem e os planos também: Bali, Toronto ou Nova York? casar na igreja, na praia ou no sítio? ter um ou dois filhos?

e de repente eu só queria ir ao baile. mas vou sozinho.
colocarei a roupa mais bonita do guarda-roupas.
vestirei a armadura mais ferrenha e protetora de todas.
dançarei com minha própria presença quando a noite cair e todos estiverem seguindo suas vidas com seus amores.

danço nossa música sozinho porque ela ainda é minha.
pego-a pelos braços, olho-na nos olhos e danço, danço, danço.

tem um baile na cidade e você está feliz.
eu deveria estar também. talvez eu esteja.
sozinho, mas feliz por você.

existe uma metáfora nos fins que é a seguinte:

> “permita que ele vá ao mais longe de você

pra que você esteja o mais próximo de si."

e nesse caminho casa-ruas-memórias,
onde construímos beijos mordiscados nas vielas do bairro-baile, eu cantarei e lembrarei de tudo que eu
criei e sobreviveu.

minha vontade de que você seja feliz mesmo sem mim,
minha vontade de que você esteja feliz mesmo sem mim, minha vontade de que você dance a noite toda sua nova canção com seu novo amor, minha vontade de que eu encontre na melodia do caos uma boa história para contar.

porque teve um baile na cidade
e ninguém me convidou.

inconsistência

precisava de você de maneira aguda e acentuada
e como nunca tive
precisei inventar a mim mesmo numa solidão desesperada.

é assim, dizem, que nasce a autoconsciência.

quando o sexo faz uma orquestra sinfônica dentro do âmago e a vontade é de fazer ainda mais sexo com amor, sem amor, com muito amor.

em algum lugar da Venezuela

não sei como começar este texto sem parecer desumana ou humana demais, mas aqui vai.

pessoas mentem,
o tempo todo,
sobre tudo.

enquanto eu choro baixinho tomando banho porque nossos caminhos já estão distantes um do outro, você prepara pães e geleia no café da manhã.

enquanto eu me esforço pra parecer mais amena e calma, você está do outro lado da cidade fazendo planos sem mim.

acontece, né?
são coisas da vida.

acho que a gente não dura muito tempo.
penso também que soube exatamente quando havia deixado de te amar.

foi num domingo em que você assistia àquele clássico de futebol do qual faço questão de esquecer o nome dos times. eu via você observando a televisão e me dava conta de que o amor é essa letra minúscula que existe entre mim e o mundo quando a quentura da afeição já não abraça quem decidiu estar numa relação afetiva.

quando descobri que não te amava mais,
uma tontura branda tomou conta do meu peito.

eu voltei à cozinha, cogitei refazer as listas do supermercado pro resto do mês, lembrei de alinhar as lancheiras das crianças, emudeci num acontecimento que raramente acomete pessoas: eu precisava sair daquilo. porém, falha e tardia na minha sensação, eu apenas continuei te olhando, sabendo que entre nós o amor já não mais imperava.

acontece com todo mundo, a todo momento.

elas mentem sobre quando deixaram de sentir aquele frenesi que é suscitado pelo amor lambendo cada poro da pele, sentenciando acontecimentos micros como:

> *quando o sexo faz uma orquestra sinfônica dentro do âmago e a vontade é de fazer ainda mais sexo com amor, sem amor, com muito amor;*
> *quando se compartilha o incômodo dos dias normais e ordinários e tenta-se melhorar, pela relação e por tudo que virá;*
> *quando os amantes já percebem que, para além dos esforços matinais, há de se ter paciência e empatia pra continuar.*

então este texto é só pra te dizer que menti.
aconteceu do amor se esvair de mim momentos antes de você também ter ido.

por esta razão não o impedi que fosse ao encontro de qualquer outra coisa que não nós.

você me dizia que me queria profundamente.
eu te dizia que a vida era breve mas que cabia a verdade.

você continuava a atenuar nossa relação e colocá-la
sobre uma louça limpa dum sábado solar. eu só precisava saber por que pra você era tão difícil sair dali.

eu estava aterrorizada por estar sempre preparada
pro embate.

poderíamos ter ido à cafeteria mais chique da cidade
discutir por que nosso sexo já não era tão bom.

eu poderia jogar na sua cara todas as vezes em que me senti sozinha e fadada a algo que não me permitia pular.

você poderia me dizer o quanto eu era distante

podíamos nos machucar e magoar até que não restassem fiapos do que havíamos construído.

mas não.

o fim do nosso amor aconteceu pra mim num domingo de clássico entre dois times dos quais eu sequer sabia o nome.

nada de especial, glorioso ou honroso.

e, a partir daquela constatação frívola e fugaz, começamos a nos separar separar separar e fim.

você, do outro lado da cidade, lendo um livro novo de poesia venezuelana, me excluindo daquele momento superimportante pro curso das nossas literaturas.

eu, chorando vazia e amargurada, pela ideia de nós dois se dissipando. e o café da manhã ainda nem estava na mesa.

trilhos

você poderia não me doer assim,
certo feito um trem que, em sua partida, sabe exatamente onde vai chegar.

meu peito
o final dos meus olhos
o extremo da minha memória
as vielas sem saída
e todo o resto.

é pra lá que você está indo.

quando criança, fui diagnosticado com uma doença que fazia meu coração bater mais forte.
talvez fosse uma metáfora de como eu seria dali pra frente: acelerado.

as palavras dormem na pele

enquanto eu levantava a cabeça tentando distrair minha mente e não pensar que estava longe de tudo.
mas eu sempre estive.

por isso escrever cresceu em mim como uma ferida que fica no corpo por dias e dias. eu tirava a minha camiseta e ela estava lá.

as palavras são as únicas coisas que eu tenho nessa vida.
a poesia quando começa a descabelar meus cabelos, me beijar os olhos, me encher de graça.

ninguém nunca fez isso por mim, não.

de me carregar no colo enquanto chove e troveja,
de ouvir minhas reclamações e dos dias em que não consigo ser humanamente ser humano. ninguém nunca teve paciência pra me olhar nos olhos e me ouvir sem esperar que eu ouvisse também.
com o texto,
com a palavra,
eu posso falar e falar até não aguentar,
até minha goela secar e nenhum rio Amazonas
dar conta de resolver a seca.

o primeiro cara que amei na vida não me levou a deus.
o que me levou foi as palavras.

eu escrevia pra deus todas as noites pra ele me perdoar por ter nascido *tão sensível.*

dizia “deus, por que eu?” e não recebia resposta alguma.
nem mesmo deus, veja só, quis tirar a importância da palavra em mim. ele permitiu que o texto fosse uma

fuga,
salvação,
caminho.

caminho pra mim mesmo, porque nunca ninguém me entendeu tanto quanto aquela vez em que escrevi e fui escrito por um texto.

as palavras já me salvaram do suicídio,
da automutilação,
da força de fugir.

quando fugi,
fui pra dentro dos parágrafos de mim mesmo
e me construí ali.

quando tive ansiedade, culpa, raiva, frustração, apatia, transtornos e vontades de ir pra qualquer lugar que não este mundo... a palavra, ela mesma, que se pendurou no meu pescoço e me pediu que eu ficasse.
que eu valia a pena.

as palavras deitaram na minha clavícula e fizeram terapia comigo. me explicaram das alucinações que tive durante a infância. me falaram sobre ciência, religião.
as palavras lamberam cada tentativa minha de sair de mim. elas dizem "fique aí, você é muito".

e eu acreditei:
eu era muito, eu fui muito, eu sou muito.

todos os textos que escrevi me puxaram pro rio que existe em mim e que me salva da existência.

eu existo, sim, em todas as palavras que vão se alinhando pra formar o que chamam poesia, literatura, *conceitos conceitos conceitos.*

e o que chamei de outro caminho

porque as palavras são essa sensação do carinho em
si mesmo: me olho no espelho, sei quem sou,
não temo o outro.

as palavras foram as únicas a me observar chorando no quarto e me pegar no colo, colocar em uma superfície mansa, acariciar meus medos, sopros no coração.

quando criança, fui diagnosticado com uma doença que fazia meu coração bater mais forte talvez fosse uma metáfora de como eu seria dali pra frente:

> acelerado
> eu *corro corro corro* e me jogo no futuro,
> na vida, nas pessoas.

é tudo tão intenso que vai corroendo,
vai fazendo meus olhos verem cada vez mais.

a vida é tão grande, profunda, humana.

e eu quis ser ainda mais humano.

meu coração não para.
e as palavras dormem nele.
meus textos dormem no meu próprio coração.

metalinguagem,
intertextualidade,
salvação de si mesmo.
não sei, não sei.

tudo tá girando agora.
talvez seja uma outra dimensão.
é o texto me chamando pra dançar.

e eu danço.

não hesite em chorar, onde estiver, pra quem quiser ver.
o espetáculo da humanidade está em justamente se despir de si mesma.

fuga

ir a algum lugar, longe. porque há dias
que doem mais que outros.

dias em que não há como fingir felicidade.
você toma o chá das 10h no expediente e uma lágrima começa a rolar, serena, sobre seu rosto cansado. alguém sussurra “tá tudo bem?” e você só consegue passar a mão na lágrima e seguir. às vezes seguir é doloroso demais. *demais.*

há dias em que você não quer dizer a verdade porque se a disser, a outra pessoa chora também. mas você quer, sim, ter o direito de desabar. enquanto anda de trem, enquanto escuta aquela música que tem o gosto do fim, enquanto faz compras no supermercado e se lembra de que é sozinha nesse mundo.

ir a algum lugar, longe.
porque há dias cuja vontade é de fazer as malas, sair de casa e ir a qualquer espaço que abrigue sua humanidade mais encardida. algum lugar onde não te julguem pelo tamanho da dor, pelos centímetros da solidão envolta em você, pelo diâmetro da tristeza, pela força da inutilidade. onde te vejam e te percebam: humana e esgotada pela obrigatoriedade de existir. porque existem dias, mais cinzas, que pedem corações abertos, certos de seu lugar na história, amparados pela maciez da compreensão.

e tão poucas pessoas te compreenderam: sua mãe, ao te parir. uns poucos amigos, que carregam suas cicatrizes pela rua Augusta e te ajudam a seguir, indiferente à opressão do mundo. você mesma, que se embala e acarinha quando ninguém mais vê.

ir a algum lugar, distante.

> um submundo.
> uma esfera divina.
> um lar que receba em vez de apartar.

tantas coisas têm doído em você, eu sei.
a guerra dos que têm fome demais. os casais partindo-se ao meio no universo das dúvidas constantes. o futuro engravidando sua mente com tantos caminhos: ser amada? amar? *etc etc etc.*

algum lugar que te lembre que você é boa e gigante. que receba você e todas as suas incertezas como sinal de que existe vida. e de que ela está sendo vivida no seu limite,
no limiar.
no limítrofe da existência
pulsando... pulsando... pulsando.

há dias em que é preciso extravasar. gritar no meio da avenida. pedir arrego a deus. desligar os celulares, os computadores, os neurônios agitados, a esperança e os sonhos de uma vida melhor. dias apáticos, em que a única possibilidade de continuar vivendo é se estender sobre uma perspectiva mais franca e real: eu não estou dando conta. pois há esses dias também. em que não se consegue fingir ou dissimular. dias em que precisa-se, urgentemente, de uma cura, milagre, oração ou simplesmente nada.

um nada, bem grande,
do tamanho do desejo de levantar,
fazer qualquer coisa, caber.

você não tem cabido, por agora.
eu também já não coube, em alguns dias.

passei quase seis meses não cabendo em nada.
roupas não me vestiam.
empregos não me vestiam.
expectativas não me vestiam.

hoje, tentando caber, seguir ou tomar chá sem ter uma crise no meio do expediente, eu vou vivendo.

um dia você consegue. e se não conseguir, não hesite
em chorar, onde estiver, pra quem quiser ver.

o espetáculo da humanidade está
em justamente se despir de si mesma.

triste demais, toda essa memória emancipada pelo fim do amor.

Tatuapé

lapsos. lapsos. lapsos.

em todo lugar:
no metrô em que costumávamos descer pra escapar do mundo, dentro da biblioteca universitária, no coração da intimidade de nós dois nas escadas rolantes dos shoppings da cidade.

é triste demais revisitar esses lugares e perceber que não existe plural, resolução matemática, um final digno de pessoas que souberam lidar com a mágoa corroendo as bordas do fim. é triste demais revisitar a praça de alimentação onde por tanto tempo eu dispus de paciência, empatia e confortabilidade pra compartilhar contigo minha existência na sua
e vice-versa.

as lojas em que íamos,
as farmácias, com sua sacralidade e todo o ritual antes do amor: "ninguém pode nos ver aqui".
e era engraçado, surreal, adolescente.

tolo, também.

volto a esses lugares, caminhos e destinos
sem conseguir escapar deles. sim, ainda preciso me certificar de que estou vivo e convivendo com a lembrança mais dolorosa que há, pois só existe esta cidade, por enquanto, e porque a memória mais relapsa insiste em cair sobre mim até mesmo quando minha mãe resolve fazer exames de estômago.

estou eu aqui,
bem no meio do bairro onde você mora
e é triste e irônico.

uma brincadeira de um deus.
uma promessa de que nem todos os fins acontecem de forma rápida e gasosa:

por vezes, a crosta de um possível amor vai se liquidificando até não restar nada ou quase nada.

pensava eu, idiota, que tudo tinha ido.
e são assim os dias: parece que tudo *vai vai vai vai*
até que, numa quarta-feira ordinária, você vem de maneira torrencial e re-existe em mim.

triste demais ter que aniquilar
o toque, o tato.

e tudo que me foi bom.
não sei em qual momento exato eu também me deixei estar nesses ambientes que chamei de nossos. e que, por senso comum, acabaram se tornando espaços vazios pra outros tantos casais que, como nós, terminaram e não voltam mais:

escadas do metrô,
linha vermelha às seis da tarde,
avenida Paulista caótica-pulsante,
livrarias com seus leitores assíduos,
e tantos outros pontos disformes que, hoje, resolveram lampejar na minha memória o que éramos
o que tínhamos e o que fomos.

> triste demais,
> toda essa memória emancipada
> pelo fim do amor.

quero estender minha alma pra onde partidos políticos não alcançam. pra onde deus não chega com seu olhar soberano. pra onde o mundo não existe em sua tarefa de massacrar.

a alma é um lugar de descanso

estender a alma ao infinito.
deixar que a dor vire adubo pra um jardim maior.
entregar o peito, o coração, o corpo, a pele, a vida.
deixar doer até que não sobre nada além de ensinamento.

(viver ensina muita coisa pra quem
tem ouvidos serenos)

estender a alma até o eterno que é sentir.
e sentir grande,
do tamanho dos vários universos que nos habitam.

estender a alma pra além das pálpebras, dos cílios cansados, do olhar eternizado na membrana da memória.

estender a alma pra além do entendimento. pra aquilo que é manso, frugal, telemático. pros fatos corriqueiros que deliberam sensibilidade. pros dias macios, em que é preciso arrancar à força toda poesia, concreta e mansa, e seguir.

estender a alma pro caminho à frente.

aprender a recuperar o fôlego depois de várias tentativas furtivas de amar. e se dar conta de que viver é isso mesmo, várias vezes, em diferentes momentos da existência: vou estraçalhar meu peito na calçada da sua fuga de mim. vou recuperar meu peito na calçada da sua volta pra mim.

estender a alma pro alto, pro lado, pra baixo. colocá-la na linha de frente, à prova de balas. deixá-la que leve não só o tapa, como a cura também. a minha alma, essa coisa quase que insignificante, anarquizada por um mundo vazio e oco em si mesmo. estender a alma pra casa do vizinho, pras manchetes no jornal, pras revoluções que acontecem diariamente na cabeça das pessoas que se entregam demais ao amor, à vida, a tudo que move e queima. estender a

alma pra essa parte da vida que explode e dói. que nos obriga a arder em pleno sol de meio-dia. o ato de enxergar no cotidiano uma ideia, um plano de ação, uma vontade de resistir. a poesia existe pra nos livrar da falta de sanidade.

estender a alma pra minha entrega iminente em me querer cada vez mais puro, honesto, leal. estender minha alma pra sua verdade mais íntegra,
pura e leal também.

estender minha alma pra aquele lugar onde nunca fomos. provar da esperança nos sentando lado a lado e contando que temos sido bravos, fiéis, humanos.

chegamos até aqui, transpassados por essa humanidade pesada e infinita. eu, tu.
gosto um tanto de você.

quero estender minha alma pra onde partidos políticos não alcançam. pra onde deus não chega com seu olhar soberano. pra onde o mundo não existe em sua tarefa de massacrar.

estender minha alma pra brilhar em algum lugar secreto, seguro, infindo. estender minha alma pra dançar com a poesia de um universo que me acolhe e me faz agradecer.

> hoje, só hoje, quero agradecer pelo tamanho da alma que possuo. porque é ela, essa grande massa disforme e metafórica, que me deixa levantar todos os dias, estender a roupa no varal, alimentar os gatos, escrever.

é minha alma que, vivendo intensamente cada eco de uma entrega desenfreada, não me deixa desistir.

por amor a ela e àquilo que existe em mim e não volta. meu âmago me diferenciando de todos os outros indivíduos.

estender minha alma pra todas as vezes em que sobrevivi à vida me socando.

estender minha alma pra todas as vezes em que me senti só e só tive esse espaço-interno como lugar de fuga e apreço.

estender minha alma pra ainda mais
dentro de mim.
porque assim cresço
e sou cada vez mais.

metamorfose

então de repente a pessoa que você era ontem já não existe mais aí dentro. mudaram-se as células, tronco, coração. seu corpo se reinventou e você adquiriu uma marca no rosto, um caminho por onde suas lágrimas descem sem dificuldade. você adquiriu uma mancha no peito daquela vez que confundiram seu afeto e transformaram-no em um pedaço de nada. da semana passada pra cá você adquiriu uma náusea do mundo: seus olhos procuram, inutilmente, uma esperança em seguir. a tatuagem similar à palavra já não faz mais sentido. o arroz não desce muito bem, os livros estão na cabeceira há algumas semanas, existe um frio que só você percebe. seus pais perderam o crescimento dos seus cabelos, unhas e muros. hoje você decidiu crescer barreiras pra que ninguém te toque muito profundamente. sexta-feira você encontrará alguém de quem gosta muito, em silêncio. na partida também há consolação. você olha pra si mesma enquanto lava a louça, percebe o cisto: a vida tem crescido, menina, dentro dos seus canais. nos entremeios. o paladar muda. e vai mudar bastante ainda. a maneira como você irá embora da vida dos que ama igualmente mudará. a forma como ora a deus, a solidão da primavera esgarçando as folhas, a cama desarrumada e o desejo de amar outro, diferente de tudo até então. dois dias atrás você era uma flor à beira do universo que explodia e hoje você está no epicentro do mundo, florescendo também.

e você ainda nem cresceu.

não há pelo que chorar se a perda foi involuntária. é o movimento que você se propôs a presenciar nessa esfera da existência.

mar ou oceano

se em cada perda eu deslocar meu ombro e chorar, amanhã estarei na beira da praia em vez de viver. tive muitas perdas ao longo da vida. amigos, namorados, pessoas que mantive próximas à minha pele mas que desmancharam, viraram na esquina de suas próprias questões, desapareceram. sumiram em domingos, terças-feiras, quintas. enquanto o Brasil perdia a copa do mundo, enquanto meus vizinhos se amavam em cima de livros velhos, enquanto uma greve geral parava a cidade de São Paulo. eu perdi. e continuo perdendo. mais por naturalidade da vida do que qualquer outra coisa. aqui, nesse ponto, não refuto o pensamento de que as pessoas só estão em nossas vidas pra nos levar ao melhor ou pior de nós mesmos, é nisso mesmo que consiste a materialidade humana. uma vez eu descobri que sentia ciúmes quando um ex-namorado foi desperto por desejos que até então eu desconhecia. há umas duas semanas, fui atingido por outra perda mas reagi bem e estou em conforto comigo mesmo. acontece. as pessoas indo embora da gente enquanto continuamos seguindo. *seguindo seguindo seguindo.* pela orla de Ipanema, Copacabana, não sei. eu só sei que segui. e continuarei seguindo. a vida é um ciclo que nos chama pra dançar enquanto perdemos o colar, os abraços e as declarações de amor. talvez o amor fique. talvez. nem tudo é sobre permanecer. na verdade, nada é sobre permanecer. descobriram que as pinturas rupestres ainda resistem. até quando? o zodíaco vai explodir daqui a uns zilhões de anos, sua avó vai morrer daqui a umas décadas, sobre minha ex-melhor amiga já não sei muito, algumas cicatrizes nunca voltam à tona, retornam ou respiram. elas simplesmente cedem, tornam-se marcas indeléveis, mas que podem ser facilmente esquecidas ou cobertas. o tempo. a vida. o mundo. o esquecimento. não há pelo que chorar se a perda foi involuntária. é o movimento que você se propôs a presenciar nessa esfera da existência.

estamos existindo. esquecendo. perdendo. ou voltando pra casa.

às vezes não estamos preparados pra quedas bruscas. mas nesta vida, quem está?

em algum lugar na Tailândia

paz é quando você permite que alguém vá, permanentemente.

você sabe que ele não te ligará amanhã às dez da manhã pra desejar um bom dia. você sabe que o conforto da voz dela nunca mais chegará até seus ouvidos e que a partir daquele ponto, do adeus, nada será tão confortável quanto antes.

permanentemente.

como alguém que viaja pra Tailândia sem passagem de volta pra casa.

você sabe que, ao deixar que ele verdadeiramente vá, perderá o ar por uns dias. a pia na louça convidando
você a espairecer.

seus amigos te convidando pra sair.
você tentando tatear qualquer memória ainda recente de um futuro que, juntos, vocês construíram.

> *às vezes não estamos preparados pra quedas bruscas. mas nesta vida, quem está?*

o emprego te chama e nunca mais seus olhos em cima dos olhos dele. semana passada a netflix lançou uma série nova, política americana, ele gostava tanto. você vai se apegar a esse detalhe pra tentar manter alguma coisa pequena sobre ele. sobre seu gosto.

ele detestava abóbora, mas você fazia mesmo assim. hoje, você não tem mais desejo por nada parecido, em textura ou cor.

nossa memória vai cavando o que há de similar sobre as pessoas e coisas pra quando elas forem embora termos escapes: não ver aquele filme por um longo tempo.

não visitar aquele barzinho no centro da cidade nem tão cedo. evitar a fadiga de qualquer relação que te puxa ou tira do eixo.

seu corpo vai te protegendo dessa queda brusca
queda brusca.
queda brusca.

permanentemente.

e sua cabeça dói, seu coração acelera o passo, tudo o que se viveu vai entrando no seu peito assim como o trem chega em seu destino final.
você corta relações e sabe que nunca mais existirão palavras de conforto daquela pessoa em especial.

aquela mesma que te levou ao mesmo shopping durante dois anos e te levou pra conhecer todas as seções da livraria da cidade e te levou pra conhecer a família, o cachorro, a mãe, o pai, o quarto.

caramba,
você sabe até do cheiro do lençol em
que ela costumava dormir.

e essas coisinhas, que parecem pequenas no calor da relação, passam a ter um valor substancial depois que você perde ou deixa ir

permanentemente.

como quem não volta da Tailândia nem tão cedo.
como quem perdeu o número de celular e não há como ligar, pedir pra voltar, reaver reconciliação. como quem virou a esquina enquanto você permanecia estática, quem sabe intacta e até assustada, porque as relações terminam em terças-feiras muito felizes e você se dá conta de que na quarta-feira e na quinta e na sexta e pelo resto do ano

não há volta,
não há resquício,
não há nada.

há leões lá fora,
minha mãe sempre dizia.
como dizer a ela que sempre tive medo
deles, e agora mais do que nunca?

saudade

não me disseram que saudade era esse sentimento prematuro de quando já se sente falta antes mesmo de partir. não me disseram que saudade é quando você vai se deixando nos móveis, nas paredes de casa, no carinho nas gatas, no abraço da mãe. estou descobrindo uma saudade de tudo por aqui. estou tentando impregnar meu olhar sobre cada memória afetiva que eu tenho tido. não me disseram, nunca, que saudade era esse sentimento que vai cavando ainda mais fundo dentro da gente quando percebemos que existirá um espaço, um vácuo, uma falta de presença. às vezes, em algumas pessoas, esse sentimento se revela por meio de uma lágrima que rola quando o primeiro pé sobe as escadas do ônibus e do outro lado fica alguém que se ama muito, muito. em outras, a crise de choro acontece quando já se está no avião, certo de que a ida vai demorar pra voltar.

atravessam-se oceanos, fronteiras, quarteirões e relacionamentos. a saudade abraça você tarde da noite, quando sua sensibilidade está pronta pra ser pega pelos braços e levada até à pupila dos olhos: você vai chorar muito ainda. chorar a falta, a ausência do toque, a tessitura da voz, a birra da mãe em fazer você comer a comida direito, as vezes em que seus amigos te carregaram no colo porque você bebeu demais pra esquecer mas acabou lembrando ainda mais. tantas coisas viram saudade quando estamos do outro lado. saudade de olhar na mesma direção e apontar pra onde a estrela vai cair. o sol lambendo o céu e a gente tentando adivinhar qual gosto de quando um astro se sente sozinho na esfera do zodíaco. será que pra eles a solidão é a mesma?

não me contaram que saudade é isso-que-não-tem-nome, mas incomoda, incomoda. vai afundando a cavidade do peito com trilhões de céus e horizontes. vai apertando nossa memória mais amorosa, fazendo-a murmurar. a saudade é esse sentimento que tem nascido em mim antes mesmo de ir embora. queria deixar um pedaço de mim nos cômodos de casa. nos ombros dos meus pais. nas mãos dos meus amigos.

queria permanecer aqui, tateando o crescimento e a mudança das pessoas,

mas preciso mudar também, crescer, tornar-me adulto. e ser adulto dói tanto, dói muito. você precisa sair de casa, levantar os braços, não olhar pra trás, saber que consegue cuidar de si mesmo enquanto todo o mundo explode.

não me disseram dessa saudade desmedida que aflora na gente quando não sabemos o que virá.
o futuro nos obrigando a chorar pelos cantos,
a realidade da vida caindo sobre nossos ombros e a gente tendo que dormir antes das dez porque amanhã é dia de levantar com um sorriso no rosto.

> há leões lá fora, minha mãe sempre dizia.
> como dizer a ela que sempre tive medo deles, e agora mais do que nunca?

não me disseram que a saudade nos faz virar a madrugada e estender o desejo de permanecer. que permanecer é mais confortável do que ir embora: da cidade, da vista de todo mundo, de você mesmo.
porque quando você muda de cidade, de afeto, de lembrança, você também muda a si mesmo. seu peito vai aumentar de volume. suas lágrimas ficarão mais salgadas. a voz da mãe ficará mais tensa.

tá tudo bem, meu filho?

e você não tem comido direito. não aprendeu a se proteger das pessoas que entram e saem a todo instante da sua vida. não aprendeu a se defender das pessoas
que afundam pés, responsabilidades e dores
em cima de você.

como contar ao mundo que você ainda não descobriu como colocar a mão no rosto pra evitar o soco do amor e da saudade invadindo cada cavidade do seu rosto, peito, coração? **há quem grite. eu resolvi escrever.**

este livro terminaria de maneira triste se eu não tivesse lembrado de algo: estou vivo. mesmo depois de ter arrancado o peito e tê-lo entregado a alguém equivocado. ainda que exaustivamente machucado por tamanha entrega. mesmo que a vida me doa em dias específicos e de maneira tão profunda. eu resisti. você também tem resistido. aos traumas, medos e inseguranças. às vontades de partir pra outro lugar, virar a pele ao avesso pra sentir menos, tentar se encolher no recôndito de si próprio pra escapar do mundo e seu peso muito.

estar aqui significa que a cicatriz ainda pulsa. que minha boca consegue dizer à sua que estamos tentando da melhor maneira possível. que há fé pra tentar alguma coisa nova, quem sabe correr pela avenida nu e com o peito aberto novamente; que existe a possibilidade de florir.

você está me entendendo?
existe uma possibilidade infinita lá e aqui. dentro
e fora.

está na hora de abrir o olho e espreguiçá-lo sobre a esperança de uma vida melhor. pois ela há de vir. garanto que sim.

a felicidade é uma arma quente

Você não precisa permanecer no passado para
entender que é capaz de guardar uma lembrança.

Pode seguir.

Giovanna Freire

vinte e seis

você vai encontrar alguém que goste de você, daquilo que você é, da sua imagem interna e externa, de tudo que você carrega como bagagem emocional, física e psíquica. alguém maduro o suficiente pra não te empurrar pra esses joguinhos afetivos. alguém maduro o suficiente pra te lembrar que o amor se constrói juntos, mas que antes disso vem o próprio, que se constrói a duras penas. alguém que vai rir da maneira como você toma sorvete. alguém que te levará a todos os cinemas alternativos da cidade. alguém que fará de sua própria casa um cinema alternativo pra vocês dois. alguém disposto a lutar por você. não porque relacionamentos são batalhas e o amor, uma guerra; mas porque é bom diminuir o orgulho, pedir perdão e dizer "fica, por favor, fica". alguém sem melindres, limpo dessa sujeira que a gente tá construindo: se ele não vier falar comigo, eu não vou. se ele não demonstrar nada, eu também não demonstro. alguém livre dessas convenções sociais tão, mas tão tristes, que no final das contas tem apartado uns dos outros de estarem bem, quem sabe felizes, até mesmo unidos.

alguém que vai ouvir toda playlist que você fizer pra ele. e te pedirá pra fazer outras, porque há gosto e vontade de ouvir. alguém que, igualmente, crie playlists e te mande músicas aleatoriamente. porque, quando não há papo, há pelo menos música. alguém que não goste de ir e vir toda hora, mas sim vir e estar. porque muita gente se acostuma à ideia de ir embora como uma desculpa pra não estreitar laços, estendê-los ou fincá-los. alguém que goste do seu cabelo pela manhã, da cor das pálpebras, da largura das costas enquanto você dança pela rua, do jeito que você fala sobre cinema brasileiro, da textura da voz cantando Gilberto Gil. alguém que vai te olhar nos olhos e pedir perdão pela dor causada. alguém honesto o suficiente pra te fazer ficar. alguém que te lembrará diariamente o quão maravilhoso, forte, brilhante e inteligente você é. alguém que, sem rodeios, vai dizer que te ama. alguém que se esqueceu do relógio social pra se expressar e se expressa assim mesmo. que vai te carregar no colo por pura espontaneidade. alguém capaz de enxergar a dor em você e querer cuidar dela. não como se ele fosse o herói ou o salvador; mas sim como quem diz: "ei, estou aqui, você não precisa carregar isso

sozinho". um dia você encontrará alguém que te lembrará o porquê de você ter estado sozinho por tanto tempo. e você vai agradecer por ter estado sozinho por tanto tempo. alguém que vai te fazer agradecer todos os dias: a companhia, o tato, a simplicidade, a ternura e o afeto. alguém que vai saber dos centímetros dos seus pés, da espessura da sua solidão em dias mais ocos, da profundidade das cicatrizes que você carregou por tanto tempo sem esperar que um dia alguém te ajudasse na cura. não que esse alguém vá te ajudar a superar tudo e todos; é só que esse alguém está disposto. e estar disposto, a essa altura da vida, diz muita coisa. diz que o peito ainda inflama por pequenezas. que ainda existe o desejo de amar, porque amar ainda é o que de mais revolucionário pode acontecer no mundo. diz que, embora o caminho da entrega seja tortuoso, lá na frente valerá. aliás, não só lá na frente. aqui, agora, também.

você vai encontrar alguém que assista a todas as suas séries desconhecidas. e ele vai gostar delas. alguém que não vai reparar no seu nariz maior do que a média, nem vai se importar se seu corpo é um espaço pra caminhos um tanto quanto indesejados. alguém que te levará a festas, mas que também fará carnavais particulares e bem mais barulhentos dentro de você. alguém capaz de retirar o peso do mundo dos seus ombros e que não humilhará a sua essência mais densa e cheia de farpas. pelo contrário: erguerá um altar pra sua sensibilidade ter onde dormir. alguém que te entregue uma adrenalina no peito e que a tome de você no instante exato em que descobrirem o centro do universo um do outro. será você voando pelo céu de um amor bom.

alguém capaz de te fazer transbordar na mesma medida em que te fará perceber que você, por si mesmo, é apto a ser feliz e completo. que não vai expropriar aquilo que você é, mas sim acrescentar pele, osso e músculo. alguém que vai entregar o coração a fim de que você receba oxigênio, quem sabe amor, até vida. e que não vai ser leviano, afinal, ao perceber que mesmo assim pode acabar. alguém que saberá a hora exata de partir e não fará desse fato uma tentativa de te partir. alguém que pode aparecer amanhã, daqui a dez anos ou mais. ou que pode não vir,

porque talvez ele seja você.

vinte e sete

amo as pessoas que se entregam
que doem e falam que estão doloridas
as que têm fome não só de boca, como também da parte do dia
do caminho percorrido
da vontade de permanecer

as que perguntam se a ferida já cicatrizou
porque senão
elas ajudam na cicatrização
as que querem saber quantas marcas tem o peito
e por que
e os que se dispõem a ser como chuva
após um grande período de estiagem

os que, mesmo com medo, arregaçam o peito no asfalto
pra sentir mais e tanto
que seriam capazes de explodir
os que, implodindo, conseguem esticar a própria pele pra cobrir outra pessoa
pra ajudá-la a não morrer na secura que
às vezes é a vida

os que não temem o sentimento
mas pegam-no pelo pescoço
conversam e fazem terapia
a fim de domá-lo
abraçá-lo e senti-lo

ora suavemente
ora com a força de todos os deuses existentes

os que correm contra o tempo
só pelo prazer de sentir a adrenalina pulsando na pele

os que se permitem tocar de maneira tão profunda
que a marca no corpo é como uma grande depressão geográfica:
quanto mais pesquisarem
procurarem e quiserem conhecer
mais densa a pele
a existência
e o viver ficam

há pessoas que amo porque mesmo quando param de crescer
continuam crescendo

pra dentro.

vinte e oito

um silêncio pinga no céu da boca
e anuncia:

todas as palavras não ditas
que entalaram entre a pele e o peito
servirão de adubo pra que você floresça.

vinte e nove

quero que se lembre: um dia, você abrigará tanto amor dentro de si que será capaz de calar todos os poros infectados pelos traumas que deslizam pelo seu corpo.

trinta

ontem acordei com uma coceira no peito.
era o amor me dizendo que podemos começar
tudo de novo.

chegamos todos aqui, inteiros ou não. sentindo muito pouco ou até demais. com o coração estraçalhado, por vezes ferido, até mesmo curado. mas chegamos.
isso quer dizer que teremos muito ainda pela frente. mais vitórias, derrotas, soluços no meio da noite, alegrias violentas pela manhã, fins e términos, perdão a ser recebido, quem sabe entregue e amor.
o livro e a vida são sobre amor. que dá certo até certo ponto. que falha em alguns níveis. que acontece e deixa de existir em sua plena forma. chegamos todos aqui e estamos todos no mesmo barco do sentir. quando você decidiu abrir este livro, lê-lo e apreciar a sensação do toque, você acordou que está tudo bem se o sentimento for tão profundo que lhe arrasta pro mais dentro de si; que está tudo bem se a lágrima dança no seu rosto uma música que só você conhece; que, sim, está tudo dentro dos conformes se o peito entra em erupção pelo que há de mais simples na existência humana: viver. e você está vivendo. obrigado por se permitir entrar em uma camada mais densa da vida. e por me permitir ir com você.

Igor Pires | escritor |
IG: @heyiagu

Quando a TCD despontou na minha mente, não poderia supor que chegaríamos a esse nível de compreensão coletiva. Explico: sentir, que me parecia tão íntimo, passou a ser um estado de graça. Hoje enxergo meus sentimentos como parte integrante de mim, um órgão vital que me impulsiona a existir e resistir. E ver tantas pessoas re-existindo é o que traz ainda mais vida às páginas deste projeto.

Gabriela Barreira | designer |
IG: @gabsbarreira

Quando me deparei com a TCD, me senti em um não-lugar. Ficava me perguntando: “como estou aqui se eu nem escrevo?”. Eu era uma designer mergulhando num mundo de textos que precisavam de mim (e hoje, eu preciso deles). Agora, os textos viraram imagens, vídeos e mais projetos, que atingem pessoas dispostas a mergulhar neles como, um dia, eu fiz.

www.textoscrueisdemais.com
facebook.com/textoscrueisdemais
instagram.com/textoscrueisdemais
textoscrueisdemais.tumblr.com
twitter.com/textoscrueis

Editora responsável: Sarah Czapski Simoni
Editora assistente: Veronica Armiliato Gonzalez
Editora de livros digitais: Lívia Furtado
Assistente editorial: Milena Martins
Texto: Igor Pires da Silva
Capa e diagramação: Gabriela Barreira
Ilustrações: Anália Moraes / Casa Dobra

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).
Conversão para e-book: Joana De Conti

1ª edição impressa, 2017
1ª edição digital, novembro de 2017
ISBN: 978-85-250-6565-0 (digital)
ISBN: 978-85-250-6536-0 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S58t

Silva, Igor Pires da
Textos cruéis demais para serem lidos rapidamente / Igor Pires da Silva ; ilustração Anália Moraes ; Gabriela Barreira. - 1. ed. - São Paulo : Globo Alt, 2017.
recurso digital

Formato: ebook
Requisitos do sistema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-250-6565-0 (recurso eletrônico)

1. Poesia infantojuvenil brasileira. I. Moraes, Anália. II. Barreira, Gabriela. III. Título.

17-45682

CDD: 028.5
CDU: 087.5

27/09/2017 29/09/2017